

novas da galiza

número 21

Galiza, parque eólico

Camilo Nogueira

“Nacionalismo galego deve ofrecer un projecto radical a partir da esquerda”

NGZ entrevista o candidato do BNG às eleições europeias, quem analisa os resultados obtidos e afirma que “obter a maioria nom passa pola suposta moderação”

► **Exigem responsabilidades pola proliferaçom de incêndios**

► **Nacionalistas homenageiam Moncho Reboiras**

► **Avigán ameaza futuro laboral de 98 pessoas Ponte Areias**

► **O presidente da Cámara de Tui, condenado por prevaricaçom**

Contra o Fórum

Carlos Taibo

Os dados que Novas da Galiza achega neste número vam servir para serem analisadas ao pormenor as chaves de um novo negócio que engorda velhos conhecidos

José Manuel Lopes

Já se tornou quase um tópico afirmar a condiçom excedentária do nosso país em energia eléctrica e os escassos ou nulos beneficios sociais que a mesma traz para milhares de pessoas criadas sob a larga sombra da velha FENOSA. Para algumas pessoas, falarmos em “expólio energético” pode parecer umha alusom rançosa ao franquismo, às grandes infra-estruturas hidroeléctricas ou a um “desenvolvimentismo” que soa a passado nos tempos de modernizaçom neoliberalis e ciberespaços omnipresentes. E, porém, os sinais de alarme ligados insistentemente entre os sectores mais activos e críticos da cidadania em matéria ambiental, parecem querer manter boa parte da vigência de esquemas talvez nom tam caducos: a nova “mina” para a produçom energética galega, em crescimento sustentado e orientaçom exportadora, ocupa muito visivelmente espaços tam emblemáticos como as nossas serras, mesmo tendo sido estas declaradas “lugares de interesse

comunitário”; a via da expropriaçom forçada e a desconsideraçom dos legítimos proprietários e proprietárias ganha força, com um poder autárquico ignorado polos desígnios da Junta e a pressom de GAMESA ou Ecyr; por enquanto, a propaganda a favor deste novo boom produtivista vem vestida de verde e aduba o terreno à Galiza dos mais de 200 parques e às serras inçadas de moinhos. Em meados da década de 90, com a maioria da populaçom interessada pola questom ambiental ainda sujeita aos esquemas mais convencionais de denúncia das grandes infra-estruturas hidroeléctricas, muito poucos e poucas enxergavam o grande desenho que em matéria de produçom energética a Junta da Galiza trama em companhia de poderosos grupos empresariais sobejamente conhecidos no nosso país. Com efeito, já em 1995 o governo autonómico lançava o seu primeiro Plano Eólico, antecipando a posta em andamento de um total de 33 parques em diferentes pontos da nossa geografia



Burela e Cabo Verde, o idílio que nom é

Redaçom

Ignorada durante vinte anos, a comunidade cabo-verdiana em Burela é usada como a mao-de-obra barata que interessa aos empresarios do sector piscatório. Desde a sua chegada, primeiro os homens, fôrom operários da construçom na montagem da Alumina em Sam Cibrao.

Nenhum deles conseguiu ficar como empregado efectivo na empresa, pois fôrom rejeitados na primeira açom racista contra eles no litoral marinho. A saída para os que ficaram na Marinha foi embarcar-se na pesca de altura ou no bonito. Ser cabo-verdiano em Burela era até há pouco ser moreno, umha pessoa que passava despercebida, ainda sendo preto

numha vila de brancos. No ano 1998 algo começou a mudar. Com a ajuda de Luzia Fernández e o Projecto BogAvante, iniciárom o caminho para normalizarem as suas vidas num lugar que até entom apenas os conseguia ver como elementos peculiares ou estranhos. Esse caminho está cheio de armadilhas e desabores. Logo depois dos primeiros pas-

sos andados para umha convivência normal, as autoridades locais e autonómicas travárom a tempo o que pensavam que era a ruptura de um modelo idílico de convivência. Na actualidade duas geraçoms de imigrantes cabo-verdianos residem em Burela. A adaptaçom, o trabalho, a convivência, som os reptos comuns para todos eles no dia-a-dia.

Editora: Minho Media S.L.

Director: Ramom Gonçalves

Redactor-chefe: Carlos Barros G.

Conselho de Redacção: Marta Salgueiro, J. Manuel Lopes, Antón Álvarez, Ivám Garcia, Alonso Vidal

Colaboradores: Maurício Castro, Inácio Gomes, Davide Loimil, Joám Carlos Ánsia, Santiago Alba Rico, Kiko Neves, José R. Pichel, Ramom Pinheiro, Carlos Taibo, Ignacio Ramonet, Ramón Chao

Fotografia: Arquivo NGZ

Humor Gráfico: Suso Sanmartín, Pepe Carreiro, Pestinho +1, Xosé Lois Hermo

Publicidade: 639 146 523

Imagem Corporativa: Paulo Rico

Desenho gráfico e maquetación: Miguel Garcia e Carlos Barros

NOVAS DA GALIZA

Apartado 1069
27080 Lugo - Galiza
Tel: 639 146 523
novasgz@novasgz.com

As opiniões expressas nos artigos nom representan necesariamente a posición do periódico. Os artigos som de livre reprodución respetando a ortografía e citando procedencia. É proibido outro tipo de reprodución sem autorización expressa do grupo editor.

A informaçom continua periodicamente no portal www.galizalivre.org

Fecho de Ediçom: 15.08.04

Contra o Fórum

Carlos Taibo

Não deixa de ser curioso que a formidável parafernália informativa que se desenvolve ao redor do barcelonês Fórum Universal das Culturas coincida com um tramado e eficientíssimo bloqueio de qualquer contestação crítica, com a exceção, menor, daquelas de entre estas que fazem referência à prosaica insatisfação de uma ou outra expectativa comercial.

E acontece que na absoluta maioria dos meios de comunicação é literalmente nulo o espaço reservado àqueles que dissentem, o qual parece ilustração completa de uma circunstância tão interessante como perturbadora: a que nos fala da absorção fantasmagórica, pelas instituições, de boa parte do discurso dos movimentos de contestação, nunca acompanhada, mesmo assim, de esforço nenhum encaminhado a traduzir esse discurso na realidade política, económica ou social.

É verdade, sim, que nos factos a situação é ainda mais delicada, uma vez que numa das suas dimensões centrais o Fórum de Barcelona está a servir para levar adiante duas tarefas bem pouco estimulantes. A primeira não é outra que uma cobiçosa, e quase sempre não escondida, operação de especulação imobiliária, com consequências ambientais, dito seja aproveitando a conjuntura, não precisamente menores. Por momentos é evidente que o projecto urbanístico em que se sustenta o Fórum não faz senão ocultar, grosseiramente apesar da acabada estética dos edifícios, a realidade de uma cidade na qual o conflito, a exclusão e a desigualdade se revelam, sem necessidade de os procurar, ao deixar atrás qualquer esquina.

A segunda tarefa é uma lamentável lavagem de imagem de empresas que estamos na obrigação de convir, isso sim, que bem o precisam. O leitor ou leitora interessada bem pode dar uma olhada à lista das firmas que estão por detrás do evento barcelonês e extrair as suas conclusões. Lá estão, por exemplo, El Corte Inglés e La Caixa, Telefónica e Endesa, IBM e Iberia, Nestlé e Coca Cola, Indra e IBM.

A esse mesmo leitor não escapará, com certeza, que na lista das empresas que, como sócias ou como patrocinadoras,

contribuíram generosamente com os seus recursos, se encontram firmas reiteradamente denunciadas pelas suas draconianas condições laborais, pela prática da exploração mais descarnada e pelo deterioro do meio ambiente. Também não faltam entre elas, por demais, as que podem presumir de um longo currículo de implicação activa em conflitos bélicos visivelmente marcados pela lógica da rapina global a que assistimos.

As coisas, porém, não ficam por aqui. Este é o momento de sublinhar que o projecto *intelectual* do Fórum merece, também, contestação. A aposta de fundo tem sido cristalinamente retratada pelo antropólogo Manuel Delgado, que teve o acerto de afirmar que “tudo sugere que o evento está chamado a ser uma apoteose das *culturas* como tema para a demagogia política e para a banalização mediática, uma diversão em que a pluralidade cultural se verá reduzida a uma pura paródia destinada ao consumo de massas e à boa consciência institucional”.

Num terreno muito próximo, não deixa de surpreender que entre as instâncias políticas que no seu momento deram azo ao Fórum não estavam ausentes as que, enquanto endureciam as leis apli-

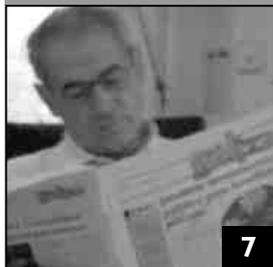
cadadas à imigração pobre que chega até nós, corriam depressa para realizar exercícios de imagem —outra vez a imagem— como o que agora mesmo nos ocupa.

É preciso pôr o dedo em mais uma chaga sangrenta: a dessa patética figura, a dos gurus intelectuais, que parece um fiel indicador das misérias do nosso tempo e, com ele, uma metáfora do próprio Fórum e das seus propósitos. Um deles, autoproclamado líder alterglobalizador —aceitemos, a benefício de inventário, a terminologia do momento, elitista e ocultadora—, reclama habitualmente três mil euros, e um bilhete de avião na primeira classe, por pronunciar a sua conhecida conferência, sem que ninguém tenha constância, por certo, de que os seus emolumentos se desviam para causas justas.

A responsabilidade destes gurus é hoje palpável, uma vez que não pode aduzir-se, neste caso, que ignorem onde estão. E a sua aceitação das regras do jogo intui-se tanto mais lamentável quanto que o desenvolvimento de tantas das palestras previstas em modo nenhum está a permitir, antes bem pelo contrário, uma activa e plural participação popular.



sumário



NGZ entrevista Camilo Nogueira

O candidato do BNG ao Parlamento Europeu valoriza os resultados eleitorais e avança as linhas polas que considera que deve avançar o nacionalismo

7

Galiza, parque eólico

A reportagem central deste número do NGZ aborda a problemática criada pola proliferaçom abusiva de parques eólicos, descubrindo o succulento negócio que agacham.



8



Burela e Cabo Verde, o idílio que nom é

A comunidade cabo-verdiana em Burela é usada como a mao-de-obra barata que interessa aos empresarios do sector piscatório

10

A Galiza Natural

Os ursos seguem a habitar a nossa terra, embora a sua populaçom seja a dia de hoje muito inferior à que foi em tempos.



13



Festivais em Portugal

A nossa habitual secçom de música avança neste número os principais festivais de verao que se celebram no país vizinho

15

editorial

O negócio verde

Nenhuma das estatísticas manejadas pola oficialidade consegue negar que os índices de consumo energético no mundo ocidental assistem a um crescimento indefinido que patenteia a insustentabilidade de um modelo socioeconómico produtivista e consumista assente na depreaçom dos combustíveis fósseis e de espaçom naturais de grande valor ambiental ou histórico. Os impedimentos legais colocados pola Uniom Europea no que diz respeito aos niveis de poluiçom adjudicados a cada um dos países membros -polos quais o Estado que ultrapassar o nível asignado terá que comprar energia a terceiros- motiváram um acelerado reajustamento produtivo por parte dos grandes empórios energéticos e bancários, decididos a investir grande parte dos seus esforços numha linha verde que haveria de dissimular os efeitos mais trágicos da exploraçom hidroeléctrica, térmica ou nuclear. A Galiza, mais umha vez, está a ser umha privilegiada área de testes das tendências mais agresivas e de curto prazo dos grandes blocos bancários e industriais. Historicamente saqueada por empresas hidroeléctricas (nomeadamente Uniom Fenosa, mas também Iberdrola) que fizêrom inviáveis e desaconselháveis para morar amplas zonas da nossa naçom, condenada a exportar energia para Espanha e a sofrer ainda as maiores deficiências no fornecimento eléctrico, os apóstolos do progresso desvendam agora umha nova fórmula mágica para tirar este país do atraso secular: a exploraçom eólica. Nenhures se aponta umha diminuicòm da produçom daqueles ramos industriais mais custosos ambiental ou socialmente, como os provocados polas centrais de Meirama, Pontes ou Alumina

(somente esta consome um terço da energia eléctrica da Galiza); nenhures se desenha umha alternativa real ao hiperconsumismo energético vigorante numha sociedade da opulência como a nossa (ainda que atravessada por múltiplas carências e pobreza); nengures figura a pergunta de porque é que as empresas que exploram os nossos recursos som na sua imensa maioria estrangeiras domiciliadas em Madrid. Ocultam-se velhos problemas e desenha-se, como culminaçom, um novo, por mais que vista a máscara da sustentabilidade: desde 1995, e no maior dos obscurantismos, a Junta do PP está a lançar um plano irracional de ocupaçom das nossas serras emblemáticas para a instalaçom de parques eólicos, levantados como autênticos pendons de um agro despovoado, uns montes inutilizados e um património natural e paisagístico sacrificado polo negócio de uns poucos. Falta de estudos de impacto ambiental e desfeita de zonas recolhidas na rede natura, escassos e temporais postos de trabalho, eliminaçom de jazigos arqueológicos, despotismo nos factos e ocupaçom pola tam querida via da expropriaçom forçada, som os efeitos conhecidos até hoje. Este novo "bem público" com que a direita espanhola decora os nossos montes, como sacrificio definitivo de recursos outrora intocáveis e respeitados, nom é mais do que um novo e grande rebuçado com que seduzir umha populaçom desiludida, envelhecida, subsidiada e condenada a aceitar pola via dos factos desenhos alheios e nocivos. Os dados que Novas da Galiza achega neste número vam servir, pensamos, para serem analisadas ao pormenor as chaves de um novo negócio que engorda velhos conhecidos.

Aduaneiros sem fronteiras



notícias

Bases Democráticas exige soberania da Galiza enquanto BNG pede "novo contrato com o Estado"

Autodeterminação, Carta Europeia e novo Estatuto para a Galiza centram reivindicações do Dia da Pátria

Redacção

Mais de um milhar de pessoas responderam à convocatória de Bases Democráticas Galegas (BDG) sob a legenda de "Autodeterminação" numha nova edição do Dia da Pátria. Umha mobilização que partia da Alameda ao meio-dia e que concluía na Praça compostelana do Toural com a leitura do manifesto do 25 de Julho 2004 por Braulio Amaro, porta-voz nacional das Bases Democráticas. Um manifesto que revisou os principais problemas do País e do seu povo trabalhador, notando o "ataque frontal aos direitos democráticos mais elementares e a perseguição política, mediática, policial e judicial existente contra qualquer dissidência, contra qualquer discrepância". No comunicado das BDG, apoiado entre outras organizações pola FPG, NÓS-UP, CUT e o PCPG falou-se também da União Europeia e da sua constituição: "a reivindicação democrática de umha Europa dos Povos, das suas culturas e das suas línguas, é profundamente contraditória com um projecto constitucional europeu que recusa o direito de autodeterminação como alternativa à uniformização e ao projecto excludente da chamada globalização capitalista". O encerramento do acto soberanista esteve protagonizado polo hino e pola queima da bandeira espanhola.

Por seu turno, dez mil pessoas acudiram à mobilização do BNG sob a legenda "Galiza vai contigo", numha jornada protagonizada polos abraços no palco se deram Anxo Quintana, Xosé Manuel Beiras e Paco Rodríguez, e pola exigência de um novo Estatuto para o País. Um novo contrato com o Estado. Como se podia prever, nom houbo reivindicação soberanista no discurso de Anxo Quintana, o porta-voz nacional desta formação política. Começou dizendo que "a Galiza é umha nação, nom somos nem queremos ser umha região subsidiária" para rematar dizendo que "queremos e devemos ter um

novo Estatuto para estar com todas as da lei onde se tomam as decisões que nos importam". O BNG, dixo o seu porta-voz "quer mais autogoverno para ter mais liberdade e mais bem-estar. Queremos melhorar a qualidade da democracia galega com um novo estatuto que proclame com mais força os valores da solidariedade, a igualdade, a participação, o desenvolvimento". Anxo Quintana acabou a dizer: "sintome parte de umha geração de galegas e galegos chamada a liderar a Galiza do presente e do futuro". Na Praça da Quintá, em

Compostela, interveu também Rubém Cela, Secretário Geral de Galiza Nova, com um discurso em que pediu que "se sopram ventos adversos ou simplesmente o vento nom dá nas velas, cumpre remar e nom pregar as velas deixando que nos arraste a corrente". O Secretário Geral de Galiza Nova centrou o seu discurso nos problemas internos por que atravessa o BNG, tentando impor a ilusom nas e nos nacionalistas que ocupavam a Quintá.

Já à tarde, NÓS-UP celebrou a sua tradicional festa-jantar na Praça de Maçarelos, onde estiverom

presentes numha mesa redonda representantes do partido catalán MDT, de Izquierda Castellana, do colectivo português Política Operária, de Batasuna, de Endavant e da própria organização convocante. No aspecto festivo destacárom as actuações do Grupo Avelaina, Sofia de Labanhou, Contradanza e Dandy Fever.

Dias depois do 25, a FPG fijo público um documento em que avalia a convocatória soberanista e a situação do movimento, demandando mudanças políticas radicais. A Frente manifesta con-

fiar num "entendimento emanado do diálogo aberto entre as forças do independentismo, respeitoso com as identidades de cada quem", ao tempo que reclama do BNG "um comportamento radicalmente diferente, onde as decisões se tomem em funçom dos interesses populares e nom pensando no reparto interno de influências". Embora julguem que a manifestação das Bases Democráticas foi nutrida, destacam que nom conseguiu atrair "outros sectores do nacionalismo de esquerda que está na hora de se irem posicionando".

Sabotagem independentista provocou apagom geral no casco histórico

A noite do 24 volve combinar fasquias lúdica e combativa

Redacção

Os actos comemorativos do Dia da Pátria começárom mais um ano na tardinha do 24 de Julho, com a celebração da tradicional "Rondalha da Mocidade com a Bandeira" organizada pola AMI. Perto de 200 jovens independentistas partirom ás 21:00 da compostelana Praça de Cervantes, depois de que umha intervenção a cargo dum responsável da organização exortasse as e os assistentes "retomarem as ruas arrebatadas pola policia espanhola para uso e desfrute turístico". Com efeito, a presença de efectivos antidistúrbios foi umha constante durante todo o percurso da comitiva lúdica e reivindicativa da AMI, que anunciou pola zona velha de Compostela a chegada do Dia da Pátria com cantos e dúzias de bandeiras nacionais. Nesta edição, em que o discurso da organização juvenil carregou as tintas na denúncia de Jacobo e do processo de turistificação da Galiza, a Rondalha dirigiu-se até a Praça da Galiza, para cor-

tar o tránsito frente à oficina municipal de informação turística; lá, umha chuva de ovos deixou constância da aposta da mocidade independentista por um modelo de desenvolvimento oposto a aquele do que o Jacobo 2004 quer ser bandeira. A mobilização continuou o seu clássico percurso polas principais ruas do casco antigo compostelano, até que umha dotação de uns vinte efectivos policiais armados com material antidistúrbios lhe cortou o passo na Rua do Franco, à altura de Fonseca. Foi, sem dúvida, o momento mais tenso da jornada. Policiais frente a jovens trocárom miradas, insultos e intenções durante um quartel de hora longo, sempre ante a mirada de centos de turistas atónitos, até que os dous bandos resolvérom nom fazer efectivas as suas ameaças, e a Rondalha prosseguiu por ruas adjacentes, caminho da Praça de Maçarelos.

No acto de encerramento da mobilização, a jovem Maria Osório, em representação do Conselho Nacional da AMI, foi

a encarregada de dar leitura a um discurso no que denunciou a ausência de qualquer futuro digno para a mocidade numha Galiza sem identidade própria, arrasada por um modelo de desenvolvimento que é causa de graves desequilíbrios territoriais e sociais, insistindo no carácter prejudicial dum processo de turistificação qualificado como "colonialismo do século XXI". Imediatamente depois, os assistentes cantárom o Hino da Mocidade Independentista e o Hino Galego, mentres vários encapuzados queimavam umha bandeira espanhola previamente retirada, entre aplausos do público, da delegação da Conselharia de Turismo sita na mesma Praça de Maçarelos. Um concerto, que se prolongou até bem entrada a madrugada, deu continuidade aos actos programados pola juventude para este Dia da Pátria.

Sabotagens contra Fenosa e Caixa Galiza

Na madrugada do 25 de Julho Compostela registou duas sabo-

tagens que supugérom a destruição de umha sucursal de Caixa Galiza (em Sam Lázaro) e um apagom geral no casco histórico e o norte da cidade, motivado polo ataque com artefactos incendiários à estação eléctrica de Fenosa nas Cancelas.

Em base a um comunicado recebido por Novas da Galiza e nom assinado, os ou as alegadas autoras assinalam que "Caixa Galiza está a liderar a destruição da Ria de Ponte Vedra, por meio da empresa ENCE". Em relação com o ataque a Fenosa apontam que a eléctrica "leva décadas exploriando os recursos energéticos da Galiza, fazendo parte essencial da engrenagem colonial" e destacam que "os meios de comunicação do poder espanhol censurárom por completo esta notícia, sem terem dado explicações do corte de subministro eléctrico".

A reivindicação política das sabotagens conclui com as palavras de ordem "Viva o Dia da Pátria" e "Viva Galiza ceive e socialista".

Mobilizaçom galego-portuguesa contra barragens no Minho

Redaçom

Mais de um milhar de persoas galegas e portuguesas manifestáron-se contra o projecto de Fenosa e a Eléctrica de Portugal (EDP) no pasado sábado 7 de Agosto em Melgaço. Convocada pola Cámara Municipal desta localidade, a manifestaçom foi apoiada pola galega Plataforma Cívica em Defesa do Minho e a portuguesa Associação de Defesa do Património Corema.

Consistiu numha marcha de cinco quilómetros do centro de Melgaço até o rio Minho, acompañada por umha descida em canoas que foi secundada por dúzias de persoas. O sentir popular da convocatória fijo-se patente no carácter inter-generacional das persoas asistentes. Aliás, várias crianças repartiam brochuras com a legenda "Queremos que os nossos netos bebam Alvarinho. Não estraguem o Minho".

O acto contou com a presença de representantes políticos do BNG, de NÓS-UP e do PSOE. Cumpre assinalar que as câmaras municipais de Arvo e Salvaterra do Minho (PP) também se manifestáron contra o projecto das três barragens, embora nom aderissem à mobilizaçom.

Por sua vez NÓS-UP difundiu o seu posicionamento, no qual criticam o PP e o PSOE por oportunistas, ao opor-se às barragens enquanto amparam "este modelo de 'desenvolvimento' de rasgos cla-

ramente coloniais". Afirmam que "só a luta organizada das populaçons ribeirenses, dos povos trabalhadores da Galiza e Portugal evitarám a construçom das centrais projectadas".

Fenosa opta polos factos consumados

Segundo fontes de pescadores do Minho, Unión Fenosa já tem na sua propriedade 60% das pesqueiras existentes na margem galega e está a visitar as casas dos donos das construçons extractivas tradicionais que ainda nom as vendêrom. As mesmas fontes indicam que o projecto amparado polos Estados espanhol e português ainda nom foi posto em conhecimento da Comissom de Limites das autoridades fronteiriças nem da Marinha. Em relaçom com a política de Fenosa, outras fontes apontam à possibilidade de que a empresa pretenda investir no projecto o antes possível com o objecto de receber indemnizaçons quantiosas no caso de que o projecto fosse anulado.

No que a isto diz respeito, o colectivo desportivo Arrepions, integrado na Plataforma em Defesa do Minho, exigiu do Ministério do Ambiente a anulaçom da concessom. Na sua resposta, a citada instituçom declarou que o projecto está a ser avaliado, ainda pendente da Declaraçom de Impacto Ambiental, que "é a que decidirá novamente a viabilidade ou nom desta situaçom".

Nacionalistas homenageiam Moncho Reboiras

Redaçom

Com motivo do 29º aniversário da queda em combate de José Ramon Reboiras Noia, NÓS-Unidade Popular convocou na cidade de Ferrol umha concentraçom e oferta floral de carácter comarcal na rua da Terra. O acto foi celebrado às 21h00 do dia 12 de Agosto. Segundo o comunicado da formaçom independentista "a nível nacional está a ser apresentada nas câmaras municipais umha moçom em que se solicita o reconhecimento público da sua figura dedicando umha rua, espaço público ou monumento a

este insigne militante revolucionário galego". Por sua vez, a Frente Popular Galega (FPG) celebrou outra homenagem nesse mesmo dia às 19h30 no cemitério de Imo, onde jazem os restos do combatente galego.

Igualmente, a UPG realizou outra oferta floral no cemitério de Imo ao meio-dia do dia 12 de Agosto e umha concentraçom política à tarde no número 27 da rua da Terra de Ferrol, lugar onde caiu abatido Moncho Reboiras. Esta formaçom declarou que "quer colaborar activamente para nom se diluir a memória histórica da luta contra a ditadura fascista".

Mais de 30 000 hectares de terreno queimados

Exigem responsabilidades políticas pola proliferaçom de incêndios florestais



Voluntários de Burla Negra penduráron umha faixa desde a Catedral de Santiago denunciando a responsabilidade da Junta

Redaçom

Desde Janeiro até começos de Agosto ardêrom já mais de 30 000 hectares de superficie, num Verao que experimentou o recrudescimento da intensidade e extensom dos lumes. O terreno afectado supera já o total ardido no pasado ano. Frente à actual situaçom, numerosos colectivos e organizaçons exigem responsabilidades políticas, sobretudo em relaçom com a Conselheria do Ambiente, capitaneada por Xosé Manuel Barreiro.

Do Sindicato Labrego Galego apontam que o lume "tem o seu caldo de cultura no encerramento maciço de exploraçons agrárias, que provoca o abandono do meio rural e o seu despovoamento", enquadrando esta situaçom na estratégia agrária da União Europeia. A CIG criticou a manipulaçom da Junta quanto à extensom da superficie queimada, já que o organismo autonómico obviou a orografia e a inclinaçom do terreno na hora de calcular os hectares afectados. Xan Carlos Ánsia, representante do sindicato nacionalista, concebe os incêndios como "marés negras sucessivas e

anuais contra os montes galegos", e por isso a CIG fai um chamamento à mobilizaçom contra as catástrofes ambientais.

Burla Negra decretou o 'Alerta Laranja' acusando a Junta de cumplicidade nos lumes e convocou umha concentraçom de protesto em Compostela. Um colectivo que aglutina organismos e persoas em Ourense convocou também umha concentraçom no pasado dia 11 de Agosto em frente da Delegaçom da Conselheria do Meio Ambiente.

Paralelamente, um grupo de persoas representativas do âmbito sindical, ambientalista e agrário, entre outras, assinou o Manifesto Lumes Nunca Mais, em que reclamam o "desmantelamento da economia e indústria do lume, revertendo as forças de extinçom em meios de prevençom", e propoñem optar por "labores de manutençom e limpeza dos montes durante todo o ano" assim como a "profissionalizaçom das brigadas contra incêndios".

A organizaçom independentista NÓS-UP destacou que o terreno afectado nas semanas que registáron mais lumes representou "40% do território queimado no conjun-

to do Estado espanhol". Solicitam a depuraçom de "responsabilidades políticas e penais no que está a ser umha das maiores catástrofes ambientais da história do nosso país".

Para Anxo Quintana, porta-voz do BNG, a vaga de incêndios supom "a demonstraçom evidente de um dos maiores fracassos do Governo de Fraga". Em referència ao Conselheiro do Ambiente, manifesta que "sem que ninguém lho pida, Barreiro deveria abandonar o cargo antes que termine Agosto e deixar de mentir e manipular os dados".

Entre os últimos dias de Julho e os primeiros de Agosto a presença dos lumes intensificou-se gravemente, chegando a afectar núcleos populacionais e registando num só fim-de-semana doze incêndios significativos. A própria Policia Autonómica reconheceu que por detrás dos lumes há responsabilidades por parte de empresas imobiliárias e projectos que pretendem aproveitamentos diferentes do solo florestal, entre outras causas. Cumpre destacar que nos últimos 40 anos os incêndios arrasáron umha superficie equivalente a metade do território nacional.

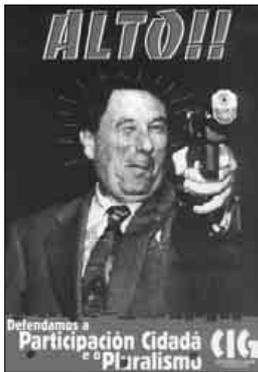


CIG rejeita Regulamento de Participação Cidadá da Corunha

Redacçom

A Confederação Intersindical Galega da Corunha está a promover unha campaña contra "a arbitrariedade que representa a exclusom da participación cidadá do controlo na administración local e nas actuacións do presidente da Cámara da cidade, Francisco Vázquez".

O PSOE e o PP aprováron o Regulamento Orgánico de Participación Cidadá sem consulta prévia ás organizacións sociais. Segundo a central nacionalista, este regulamento articula a participación cidadá "sob o férreo controlo do presidente da Cámara", constrói a participación "de cima para baixo, quer dizer, da Cámara para a cidadanía e nunca ao contrário", divide a cidade en dous distritos, "em lugar de tantos distritos como bairros, minguando a agilidade das iniciativas viciniais" e "anulando a iniciativa popular, os direitos de pedido e de ser con-



hecida a actividade do Governo municipal".

Francisco Vázquez e o PP preten-dem criar o Conselho Social, que é um organismo consultivo em matéria social e económica, "composto polas pessoas que designar o presidente da Cámara, de entre as entidades sociais que forem convidadas à participação." O sindicato nacionalista acrescenta

que se pretende conformar um Conselho Social "domesticado e feito à imagem e semelhança do presidente da Cámara". "Excluíse, ilegal e amoralmente, a CIG deste Conselho Social, e portanto é marginalizada umha parte muito importante dos trabalhadores e trabalhadoras", assinalam da central nacionalista. Da mesma maneira, mantemem que Francisco Vázquez quer um Conselho Social "de papelom, inoperante, com umha composição sectária, que nom questione nem pida explicaçoms da sua maneira de agir".

Para a CIG, o Conselho Social deveria ser "um exemplo de participação e de diálogo dos interlocutores sociais, ser um agente activo para definir critérios de actuaçom claros e concretos para enfrentar a crise industrial e do emprego que existe na Corunha e um órgão que contribua com alternativas para travar o retrocesso social e das condiçoms de vida".

Avigán ameaza futuro laboral de 98 pessoas Ponte Areias



Redacçom

Os responsáveis pola fábrica, o matadouro e a incubadeira de Avigán em Ponte Areias rescindírom o contrato de 71 dos 98 trabalhadores e trabalhadoras da fábrica sem nenhum tipo de indemnizaçom. Por este motivo e polas quatro mensualidades que a empresa endivida ao plantel, o Comité de Empresa convocou umha greve indefinida que ainda continua, tendo começado no passado dia 28 de Julho.

Segundo fontes próximas dos e das trabalhadoras, Avigán pretende com esta operaçom desfazer-se dos contratos efectivos para passar a ter um novo plantel de eventuais reconvertidos na empresa Proavi, que nom

contrataria todos e todas as trabalhadoras despedidas. Segundo a CIG, sindicato maioritário no Comité de Empresa, o facto de ficarem 23 pessoas na empresa supom o encerramento definitivo, já que o plano de emprego proposto, entendem, "carece da mais mínima viabilidade". Fontes do mesmo sindicato advertírom que se nom houver soluçom aos despedimentos, poderiam optar por umha greve geral em Ponte Areias.

A greve e as mobilizaçoms contam com o apoio do BNG e de NÓS-UP. A formaçom independentista já denunciou a existência de dous vereadores, um do PP e outro da UCPA, entre os sócios da empresa responsável.

Galeguizam topónimos em várias comarcas

■ NGZ

Compostela, Ordes ou Terra de Montes som algumas das comarcas do País escolhidas por activistas da língua para a correcçom de topónimos, um trabalho cada vez mais habitual nas estradas do nosso país quando chega a tempo-

rada estival. Durante os meses de Julho e Agosto, muitas das formas deturpadas de concelhos, paróquias ou aldeias passárom a adoptar a sua ortografia genuína graças a um meticuloso trabalho de pincel em dúzias de placas indicadoras das nossas estradas:

os condutores ou condutoras que nestes dias de Verao viajarom pola Galiza adiante, com toda a provabilidade poderám ver dos seus carros os nomes correctamente escritos de "Ourense", "Ponte Ulha", "Traço", "Lalim" ou "Betanços", entre muitos outros.

O presidente da Cámara Municipal de Tui, condenado por prevaricaçom

■ NGZ já denunciara no número 15 a máfia urbanística no feudo de Diz Guedes

Redacçom

Um operário mais dos interesses imobiliários de sectores do PP do Baixo Minho acaba de cair. O regedor tudense, António F. Fernandez Rocha, que acedera à presidência da Cámara Municipal de Tui há sete anos mediante umha moçom de censura aos seus próprios companheiros e companheiras de partido, foi condenado este mês pola Audiência Provincial a umha pena

de 8 anos de inabilitaçom para ocupar qualquer emprego ou cargo público e a pagar umha multa de 16 200 euros por um delito de prevaricaçom urbanística. A sentença, que afecta também o aparelhador municipal e a assessora urbanística da Cámara, tem origem na concessom de umha licença ilegal para a construçom do Edifício Beira Minho em zona protegida por património na zona histórica de Tui.

O processo contra o presidente e

oito vereadores do PP começou em 1999 com a denúncia feita por um colectivo vicinal perante a Direcçom Geral de Património, alarmados pola autorizaçom, por parte da Cámara, da demoliçom de duas habitaçoms para levantar um edifício de nova construçom. Estas casas encontravam-se na zona de respeito da zona monumental de Tui, que está declarada desde 1967 Conjunto Histórico-Artístico e Bem de Interesse Cultural (BIC),

razom pola qual qualquer licença concedida, deveria contar por lei com a correspondente autorizaçom e relatório de Património. A Direcçom Geral denegou a licença, mas o presidente da Cámara, fiel aos interesses especulativos que o levaram ao poder, nom atendeu a ordem de paralisaçom e mesmo chegou a autorizar a ampliaçom do projecto, ainda conhecendo a sua ilegalidade.

Após a sentença, a oposiçom exi-

giu a sua imediata demissom. Rocha recusou-se a demitir e recebeu o apoio incondicional do PP local, que, segundo a oposiçom, está dirigido por empresarios involucrados na especulaçom urbanística. Perguntam-se agora qual será o novo "titere" de Diz Guedes na Cámara, umha vez que o papel de Rocha está cumprido e pago. Aduzem que se trata de "sacrificar um peom para construir o jogo".



entrevista

Camilo Nogueira foi o candidato ao Parlamento europeu polo BNG

“O nacionalismo galego deve ofrecer um projecto radical a partir da esquerda”

Camilo Nogueira foi o candidato ao Parlamento europeu polo BNG. Repetia como número um da candidatura nacionalista, mas desta vez integrada na coligaçom Galeusca,

com o PNV e Convergência i Unió. O veterano político, que finalmente perdeu a sua cadeira em Europa, fala para NGZ, a primeira publicaçom impressa a que concede umha

entrevista desde a celebraçom das eleiçoms. Noutra altura, as suas opinions, nom assumidas à partida, acabárom por se impor dentro do nacionalismo maioritário.

NGZ

O candidato avalia os resultados das eleiçoms com o mesmo optimismo com que fõrom explicados pola direcçom do BNG?

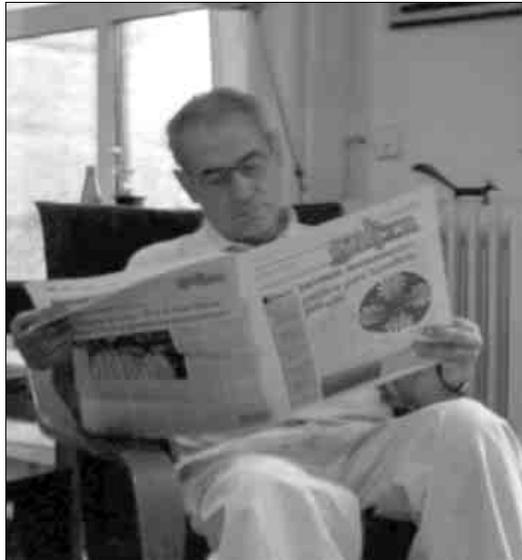
Os resultados fõrom maus. Isso é evidente, mas as razoms som com certeza muito complexas. Cumpre distinguirmos a perda do deputado dos resultados propriamente ditos. Saímos do Parlamento polos resultados, na Galiza basicamente, mas também noutras partes do Estado. Influírom os resultados na Catalunha, o ambiente geral, a abstençom, mas os votos que faltárom som internos galegos e pode dizer-se mesmo que estám dentro do nacionalismo. É verdade que o resultado em absoluto fijo justiça ao trabalho realizado polo BNG nas instituioens europeias, mas mesmo assim, o assento no Parlamento europeu foi-nos arrebatado. Oficialmente ficamos a 163 votos, mas finalmente o Tribunal Constitucional nom quijo continuar a investigar. Os resultados fõrom maus, nom há dúvida. E ainda que conseguíssemos o deputado, teriam sido maus na mesma, e isso reflecte umha situaçom que é preocupante. Em qualquer caso, a sucessom de resultados negativos é inquietante e isso requer umha reflexom, sobre o BNG, mas também sobre a ideia da Galiza como naçom.

O pacto Galeusca foi negativo?

A aliança da Galeusca, que fora decidida pola direcçom do BNG mesmo antes que me tivesse sido pedida a minha participaçom como cabeça de lista, nom foi compreendida ou nom sei se foi bem explicada, isso parece claro.

Que outras alternativas havia para o BNG concorrer nestas eleiçoms?

Bem, em primeiro lugar poderíamos voltar a apresentar-nos sós e ver o que acontecia, mas certamente isso implicava riscos diver-



Nom entendo como, tendo a fortuna de ser a origem de umha língua que é universal, continuamos a aceitar a ideia espanholista de que o galego é umha língua minoritária

tos que compreensivelmente a tornavam inassumível. Também tínhamos a alternativa da Esquerda Republicana, e entom o risco seria invalidar a Declaraçom de Barcelona, com o que isto supom, numha conjuntura como esta, a de estar a Galiza presente de alguma maneira na luta por um status nacional novo, dentro do Estado. Também seria possível fazer umha aliança com a Esquerda Republicana, o PNV e EA, forças que nas eleiçoms passadas concorreram unidas. Mas também cumpre dizer que a ERC estava muito crescida e nom contribuía ao entendimento fundamentalmente, condicionada pola pugna que mantinha com a Convergência na Catalunha.

Falas de umha reflexom necessária após os resultados. Em que termos deveria produzir-se?

No futuro próximo, no meu trabalho intelectual e político gostaria de incidir numha reflexom que tendesse à radicalidade. Tendo em conta que a situaçom da sociedade

galega actual é totalmente diferente da de começos do século. A marginalizaçom social e política continuamos a sofrê-la, mas os galegos e galegas som "pessoas normais", como em outro país qualquer. E é preciso conquistar essas pessoas para um projecto nacional que seja radical, embora sisudo, compreendendo a situaçom social real em que estamos. Nesta linha eu tentei no Parlamento europeu dedicar-me a fomentar umha projecçom universal da Galiza como naçom, em lugares como o Iraque, a Palestina, o Brasil, etc... Mesmo no que diz respeito à construcçom europeia. Hoje as possibilidades, mesmo de soberania plena, som mais acessíveis e pertinentes através da Europa. A clássica ideia de autodeclaraçom que supunha a colocaçom de umha fronteira está superada, é possível um estado independente na Europa sem essa ideia de fronteira. Este é um elemento pedagógico evidente na construcçom da consciéncia nacional. Por outra parte, é necessária umha radicalidade democrática quanto

aos direitos sociais e humanos e quanto à questom nacional, mas que leve a integrar como tal a naçom galega. Essa conceiçom poderia conquistar a sociedade galega para um projecto esperançoso. Nom se pode andar aos saltos entre a negatividade e a entrega.

A ideia da Europa a construir continua a ser umha problemática dentro do nacionalismo?

Hoje pode ser criticada esta Europa, mas nom pode dizer-se que seja a origem de todos os males. Umha cousa é que a negociaçom de entrada do Estado espanhol fosse má, acarretando muitos problemas sociais e económicos para a Galiza, e outra é que a ideia da Europa nos seja negativa já à partida, em si própria. Mas essa negatividade também provém de umha dialéctica entre blocos no mundo que existiu durante todo o século anterior, mas que hoje nom fai sentido. O mundo agora é outra cousa diferente. Temos que transformar o mundo, mas o mundo real, nom o que imaginamos. Hoje dizer que o Parlamento europeu é nosso nom significa concordar com as políticas da Alemanha ou da França, nem com a política das transnacionais, que é um tópico muito manipulado. O nacionalismo galego deve converter a Europa também numha questom política, nom deixar que fique num simples mercado favorável às grandes companhias.

Os pactos internos da última assembleia que conformárom actual direcçom do BNG, onde Beiras desempenhara um papel que agora qualifica de ingénio, som apenas um remendo para ir indo?

Nom quero entrar em polémicas que podam ser entendidas como internas, ou que podam levar a ver-se nas minhas palavras umha tentativa de revisar o resultado dessa assembleia, mas em todo o caso as

posturas que mantive entom, mantenho-as agora, embora sabendo, logicamente, de que lado estava cada participante. Sei que quem me apoiou a mim a as ideias que eu defendi eram os vários centos de pessoas e sei quem defendeu ou apoiou outros candidatos. Mas nom quero aprofundar nisso neste momento, se me permitires.

Como deve ser o futuro nacionalismo galego?

O nacionalismo deve conseguir fazer umha proposta assumível pola cidadania galega, e tem que fazê-lo do ponto de vista nacional, de maneira radical e a partir da esquerda. Nom a ideia de que a esquerda é apenas um sindicato que defende umha camada social, mas a esquerda que defende um projecto para o conjunto da sociedade, levando mormente em conta a luta pola justiça, a solidariedade, a liberdade, a nom-discriminaçom, a paz, a igualdade e o ambientalismo. Deve ser umha proposta maioritária a partir da esquerda. Obter a maioria nom passa pola suposta moderaçom. E essa é umha reflexom que o BNG deve fazer.

A língua... tens-te destacado por defenderes o reintegracionismo lingüístico...

A sociedade galega deve libertar-se da ideologia espanholista. Nom entendo como, tendo a fortuna de ser a origem de umha língua que é universal -que portanto daria à Galiza umha oportunidade enorme de ter presença como naçom no mundo-, continuamos a aceitar a ideia espanholista de que o galego é umha língua minoritária. Desfazermos este nó tremendo, histórico, é vital. E os grupos políticos e a intelectualidade tem umha enorme responsabilidade neste tema. Avalio positivamente a reforma ortográfica porque a tendência é convergente com o português. Mas nom pode ser o ponto final, ainda que fosse concebida assim.

Galiza é segunda produtora no âmbito continental e oitava mundial

Galiza, parque eólico

Já se tornou quase um tópico afirmar a condição excedentária do nosso país em energia eléctrica e os escassos ou nulos benefícios sociais que a mesma traz para milhares de pessoas criadas sob a larga sombra da velha FENOSA. Para algumas pessoas, falarmos em "expólio energético" pode parecer umha alusão rançosa ao franquismo, às grandes infra-estruturas hidroeléctricas ou a um "desenvolvimentismo" que soa a passado nos tempos de moder-

izações neoliberais e ciberespaços omnipresentes. E, porém, os sinais de alarme ligados insistentemente entre os sectores mais activos e críticos da cidadania em matéria ambiental, parecem querer manter boa parte da vigência de esquemas talvez nom tam caducos: a nova "mina" para a produção energética galega, em crescimento sustentado e orientação exportadora, ocupa muito visivelmente espaços tam emblemáticos como as nossas serras, mesmo tendo

sido estas declaradas "lugares de interesse comunitário"; a via da expropriação forçada e a descon sideração dos legítimos proprietários e proprietárias ganha força, com um poder autárquico ignorado polos desígnios da Junta e a pressom de GAMESA ou Ecyr; por enquanto, a propaganda a favor deste novo boom produtivista vem vestida de verde e aduba o terreno à Galiza dos mais de 200 parques e às serras inçadas de moinhos.

José Manuel Lopes

Umha legalidade ao seu serviço

Em meados da década de 90, com a maioria da população interessada pola questom ambiental ainda sujeita aos esquemas mais convencionais de denúncia das grandes infra-estruturas hidroeléctricas, muito poucos e poucas enxergavam o grande desenho que em matéria de produção energética a Junta da Galiza tramava em companhia de poderosos grupos empresariais sobejamente conhecidos no nosso país. Com efeito, já em 1995 o governo autonómico lançava o seu primeiro Plano Eólico, antecipando a posta em andamento de um total de 33 parques em diferentes pontos da nossa geografia. As conhecidas alusões à condição 'inócua e verde' deste modelo de energia, junto com as reiteradas promessas de postos de trabalho em zonas desertizadas e deprimidas do País, temperáram as vozes mais críticas e apresentáram como catastrofista qualquer denúncia contundente. Hoje, quase dez anos depois daquela primeira aposta institucional nítida, esta pequena nação europeia com escassa tradição no aproveitamento do vento coloca-se como segunda produtora no âmbito continental e oitava mundial, e ainda primeira 'potência' exportadora do Estado espanhol, situando-se à cabeça da produção de energia 'em regime especial'. Junto com as colossais obras de infra-estruturas de comunicação com que habitualmente os partidos espanhóis conquistam o mercado político, convenientemente financiadas com fundos europeus, a Junta reconhece na multiplicação da capacidade exportadora através das eólicas um sector estratégico para o futuro económico galego. Quais os índices manejados? Fundamentalmente, os que tenham a ver com a exibição de grandes montantes perfeitamente separados, mas de duvidosa transcendência social se o que medirmos for o progresso económico das áreas afectadas.

Umha primeira nota chamativa do apresentado como 'sector ponteiro' da economia galega do século XXI relaciona-se com o procedimento de aprovação das diferentes iniciativas e com a rede legal que as sustém. Paradoxalmente, num momento em que se programa a ocupação milimétrica de 16% do território galego, território de monte gerido por particulares ou comunidades que o exploram em mao comum, toda a interlocução com esses milhares de galegos e galegas directamente afectadas pola instalação de parques eólicos estivo ausente ou foi testemunhal. Representantes da Organização Galega de Comunidades de Montes (ORGACMM) denunciáram o Decreto 205/95, que regula a posta em andamento dos parques, como "auténtica aberração", pois sobrepõem um suposto "interesse público" da produção eléctrica ao indubitável interesse público que sim tenham as terras comunais, em alguns lugares importante fonte de receitas para as paróquias e aldeias. É a dita declaração de interesse público -defendida umha e outra vez pola Associação Eólica da Galiza, que agrupa as empresas promotoras- a que possibilita mais umha vez que a tam conhecida via da expropriação forçada se abra caminho, culminando na usurpação de facto com o preço que a administração marcar. Isto foi o que lhe aconteceu de maneira literal a 15 comunidades de Monte Treito, incapacitadas para qualquer negociação com a empresa GAMESA quando esta decidiu tomar directa-

mente a via expropriadora. Mas nom só as comunidades de montes, entidades nunca perfeitamente encaixadas na legalidade espanhola estão a ser afectadas polo processo. As próprias câmaras municipais, instituições que deviam ter capacidade de gestom e execução das infra-estruturas que ocupam terrenos dos seus concelhos e afectam os seus recursos, ficam absolutamente afastadas do processo, de maneira muito semelhante ao que acontece no caso das minicentraís hidroeléctricas. O Plano Eólico obrigou já 152 câmaras municipais da CAG a dar licença de construção mediante a adequação dos planos urbanísticos aos projectos das promotoras. Na prática, a autorização da Conselharia da Indústria supom a directa instalação dos parques, saltando por cima da potestade democrática da própria câmara municipal e em nom poucas ocasiões desprezando os relatórios de impacto ambiental, como quando se fijo público o propósito da instalação em plenas fragas do Eume. Da mesma maneira, é muito habitual que os parques atinjam umha dimensom supramunicipal, o que

torna praticamente impossível qualquer decisom no âmbito local que poda reverter positivamente nos habitantes do concelho. A inexistência de umha comarcalização real e de qualquer entidade política com capacidade de actuação mancomunada das câmaras municipais reforça ainda mais esta vulnerabilidade diante das empresas conglomeradas na Associação Eólica Galega. Estas, que talvez julgáram insuficiente o papel jogado no contencioso, tencionáram mesmo minimizar o papel dos concelhos no terreno fiscal, procurando que os parques nom obtivessem a categoria de "edificações" (e sim, em troca, de "maquinaria") para se verem livres de descontar para as finanças locais. O Plano Eólico da Junta da Galiza -e, num nível mais amplo, o ambicioso Plano Eléctrico 2004-2006- nom só tornou mais umha vez factível a gestom exclusiva e exclusiva do meio ambiente por parte do tandem executivo-transnacionais, afastando qualquer agente social, como também foi capaz de conciliar, num curioso malabarismo, o tam cacarejado valor cultural e turístico da paisagem com a pro-

liferação de moinhos de vento nas nossas serras mais emblemáticas, de Queixa ao Gistral, passando polo Barbaña, a Capelada ou o Candám. Com efeito, muitas destas infra-estruturas ocupam lugares catalogados na Rede Natura2000 e som considerados Lugares de Interesse Comunitário (como acontece com numerosas minicentraís e áreas afectadas por grandes obras públicas, por exemplo o porto exterior de Ferrol), além de guardarem importantes jazigos arqueológicos. Assim, para cúmulo do esperpento, a conselharia tem declarado a aliança das promotoras com a Direcção Geral de Património, e a própria Universidade de Santiago de Compostela, pretendendo que "a instalação de parques permita a recuperação do património arqueológico em zonas de grande valor ambiental". Na realidade, as enormes torres dos moinhos som responsáveis pola morte de numerosas aves cada ano, muitas delas espécies protegidas, e os grandes desmontes e alicerces de cimento que fam possível a instalação das torres tornam inviável qualquer recuperação cabal do património da zona.

O 'negócio verde'

O grande desenvolvimento da energia eólica em tempos recentes correspondeu a 'países avançados' como a Dinamarca ou os EEUU, desejosos de aproveitar as suas grandes condições naturais e de procurarem um freio parcial à sobre-exploração de energias fósseis, esgotáveis e muito contaminantes. As grandes transnacionais directamente responsabilizadas pola instalação de parques, e as primeiras em escolher como âmbito de actuação o Estado espanhol, tinham a sua origem nas duas nações citadas. Ainda, o nosso país nom se acha sob a influência de conglomerados empresariais desconhecidos, mas de velhos blocos económicos especializados no sector energético que compartilham duas características: nom serem



Eólicos de Páios de Mourisco (Fonsagrada). O Plano Eólico obrigou já 152 câmaras municipais da CAG a dar licença de construção mediante a adequação dos planos urbanísticos aos projectos das promotoras.

galegos (os que dizem sê-lo, caso da Unión Fenosa, están domiciliados em Madrid) e procurarem abrir un novo filom de negócio à sombra do Estado, com umha "energia verde" que acompañaria -nunca substituiria- as mais nocivas térmica ou nuclear. É o caso de ENDESA, empresa privada de origem estatal e ligada ao franquista Martín Villa, que tem em pleno funcionamento umha divisom dedicada às energias renováveis -Ecyr-, que fai as suas primeiras incursoms na "produçom verde" enquanto é umha das principais responsáveis pola chuva ácida na Europa, graças à sua central térmica das Pontes; também GAME-SA, participada maioritariamente polo BBVA e Iberdrola, segue a mesma linha de intervençom prática e propagandística, aparentemente indiferente às denúncias que tem recebido, precisamente, polo impacto de algum dos seus parques nas aves de rapina.

Como os próprios representantes de Unión Fenosa temem reconhecido, empresas como estas precisam nestes tempos dos chamados "atestados verdes", credenciais necessárias para obterem autorizaçom da União Europeia (que ameaça com sançoms e com a compra de energias a terceiros) e para se apresentarem ao mercado com sensibilidade ecológica, vendendo a maior preço ao consumidor ou consumidora a energia com 'pedigree' ambiental. Eis umha das razoms polas quais a populaçom galega pode pagar mais pola factura da luz. Populaçom que, em qualquer caso, nunca terá a compensaçom de um melhor serviço por ter brindado boa parte dos seus montes às transnacionais eléctricas: a energia produzida na Galiza alimenta umha rede central e centralizada que depois se encarrega da redistribuiçom. E esta nom impede que o nosso país seja -só por detrás da Comunidade Autónoma de Madrid- a zona do Estado com mais deficiências na distribuicão e com maior número de apagoms.

A defesa do Plano Eólico nom remata com esta reiteraçom do elemento 'verde'. A panaceia dos postos de trabalho numha Galiza também conhecida estatisticamente polos seus elevados indices de desemprego e precariedade foi agitada recentemente. Nom podia ser de outra maneira, já que, apesar da debilidade do sector secundário, com excepçom do pujante sector automobilístico, os parques eólicos vam ocupar nos vindouros seis anos mais solo que o conjunto dos polígonos industriais galegos. Após a recente notícia da abertura de umha planta de fabricaçom de pás nas Somoças, assim como da implantaçom de IZAR neste sector, era muito fácil ouvir nos meios de comunicaçom declaraçoms entusiastas sobre os numerosos postos de trabalho que a vaga das eólicas ia trazer para a Galiza. Ora, se é



Representantes da Organizaçom Galega de Comunidades de Montes denunciárom o decreto que regula os parques como "auténtica aberraçom", pois sobrepom um suposto "interesse público" da produçom eléctrica ao indubitável interesse público das terras comunais



15 comunidades de Monte Treito virom-se incapacitadas para qualquer negociaçom com a empresa GAMESA quando esta decidiu tomar directamente a via expropriadora.

inquestionável a necessidade de trabalhadores autóctones para a fase de instalaçom -o que pode provocar um pequeno "boom" restrito no tempo, a imagem e semelhança do sector da construçom-, nenhuma das empresas promotoras conseguiu garantir o mantimento de emprego após a hipotética instalaçom desses 200 parques. É dificilmente poderiam garanti-lo por umha razom bem singela: as centrais funcionarãrã graças a um controlo informático situado a centos ou milhares de quilómetros da zona em questom e as reparaçoms correrã a cargo de filiais das transnacionais que utilizarãrã mao-de-obra foránea, e exclusivamente no momento que convinher.

Perspectivas e efeitos reais

O Plano Eléctrico 2004-2006 é a amostra mais diáfana da vocaçom de continuidade -se calhar ainda mais exagerada- dos desenhos iniciados em 1995. As notas dominantes som a vontade de duplicar a produçom eléctrica galega (com o objectivo nom confesso de alimentar as zonas mais industrializadas

do Estado espanhol e embora já na actualidade se exporte 48% da electricidade), o intuito de reforçar a rede de distribuicão (para o qual a empresa Rede Eléctrica Espanhola está a acrescentar o seu investimento em linhas eléctricas), e a absoluta patente de corso para as promotoras se instalarem em qualquer dos nossos montes, sem entrave meio ambiental ou social de nenhum tipo, para atingir o objectivo de mais 150 pólos produtores de energia eólica. Este produtivismo sem trêgua é tal, e tam acelerado, que mesmo o director geral de Rede Eléctrica Espanhola, Victoriano Casajus, manifestava há pouco tempo que na Galiza havia 'demasiados aerogeneradores' e que nom se podia garantir o correcto funcionamento de todos eles, dada a prevalência do critério da quantidade face ao da qualidade e ao do controlo técnico.

Por seu turno, o ambientalismo galego organizado em Erva, ADEGA, ou a FEG, continua a tornar públicas as suas análises sobre o fenómeno eólico e a relacionar a sua proliferaçom acelerada com um

paradigma alicerçado no crescimento indefinido de consumo energético agora disfarçado de verde, onde as pás dos moinhos som perfeito complemento -e perfeito pretexto- para as aventuras térmicas e nucleares ensaiadas sem descanso.

A posta em causa do modelo começa por este importante desmentido contra as vozes oficiais que teimam em vender umha inexistente diminuicão do emprego das energias fósseis, mas continua a examinar com todo o detalhe os efeitos dos parques eólicos. Porque, para além dessa desconsideraçom dos agentes sociais, da vocaçom exportadora e da ocupaçom de espaços emblemáticos, é certo que estamos perante umha infra-estrutura inócua? Em meados da década de 90, quando a Junta tornava públicas as suas tençoms, um premonitório documento de ADEGA intitulado 'Problemática da energia eólica na Galiza' analisava um a um os problemas ambientais ligados à difusom exagerada e carente de qualquer critério desta forma de exploraçom energética: salientavam-se os problemas que iam sofrer as aves, sobretudo as migratórias, e a fauna selvagem ou gado em liberdade das zonas afectadas; alertava-se sobre os danos causados polos movimentos de terras, a construçom de estradas em áreas de alto valor ambiental e a instalaçom de novas linhas de alta tensom, com a mais do que provável destruicão de jazigos arqueológicos. Realidades estas que o tempo provou como indiscutíveis e que se vam ver agravadas nos próximos anos se nom se produzir umha viragem rotunda no modelo energético e no papel que a Galiza joga no espaço espanhol.

Piorando ainda mais a actual situaçom, o presente dominio de transnacionais no mercado da energia cega um dos caminhos que o ambientalismo galego assinalou como factível: umha produçom

eólica que substituísse a energia clássica, instalada perto dos centros de consumo e nom submetida a umha rede central que a distribuísse em beneficio de centros industriais afastados e alheios. Esta possibilidade, enquadrada sob a denominaçom de "parques eólicos singulares", vem contemplada no Decreto 302/2001, e o seu objectivo teórico seria fornecer de electricidade concelhos e pequenas e medianas empresas, emancipadas assim da lógica e das exigências das transnacionais. Porém, a crónica fraqueza orçamentária dos municípios e as evidentes dificuldades do pequeno empresariado fam com que a fórmula fique no papel ou que só se plasme quando um crédito bancário avalizar a operaçom, funcionando aliás a instituicão como um pequeno vendedor de energia a terceiros e sem vontade nem capacidade de se orientar para o auto-abastecimento local. Com quase dez anos andados de exploraçom eléctrica através dos parques eólicos, a maior parte das infra-estruturas e a riqueza produzida está já, e de maneira inexorável, em maos de Ecyr, Gamesa, Unión Fenosa...

Vítimas e oposiçom

O processo polo qual a Galiza se instala num prático ponto de nom retorno no que ao seu papel de exportadora de energia diz respeito bem podia funcionar como um paradigma de outros muitos casos de agressom ambiental e social: opacidade institucional, propaganda mediática e sucessom de umha série de oposiçoms desarticuladas e inconexas que nom temem a dimensom suficiente para deter ou matizar as iniciativas em andamento. Tampouco podemos esquecer que os planos energéticos desenhados polo Estado e desenvolvidos polo governo autonómico temem, na Galiza de primeiros do século XXI, um terreno mais do que propício para serem aplicados: umha populaçom rural em retrocesso vertiginoso, usos agrários tradicionalmente progressivamente abandonados (o caso do monte é esclarecedor), umha populaçom envelhecida e em muitas ocasioms seduzida pola possibilidade da venda, um ambientalismo minoritário... sobram as razoms nas parecem faltar as forças e a organizaçom, o que nom impede que em certos casos pontuais a determinaçom individual pode com a determinaçom dos poderosos: recentemente, umha vizinha do concelho de Muras, proprietária de umha finca na zona do Gistral-Cadramos, conseguiu a condenaçom do Estado espanhol pola Direcçom Geral de Meio Ambiente da UE pola autorizaçom ilegal de um parque no nascimento do leito dos rios Eume e Landro, declarado parte da Rede Natura. Apesar da sançom, o Tribunal Superior de Justiça da Galiza nom decidiu a paralisaçom temporal das obras.

A integração plena está longe de se produzir para umha comunidade usada como mao de obra barata

Burela e Cabo Verde, o idílio que nom é

Ignorada durante vinte anos, a comunidade cabo-verdiana em Burela é usada como a mao-de-obra barata que interessa aos empresarios do sector piscatório. Desde a sua chegada, primeiro os homens, fôrom operários da construção na montagem da Alumina em Sam Cibrao.

Nenhum deles conseguiu ficar como empregado efectivo na empresa, pois fôrom rejeitados na primeira açom racista contra eles no litoral

marinhao. A saída para os que ficárom na Marinha foi embarcar-se na pesca de altura ou no bonito. Ser cabo-verdiano em Burela era até há pouco ser moreno, umha pessoa que pas-sava despercebida, ainda sendo preto numha vila de brancos.

No ano 1998 algo começou a mudar. Com a ajuda de Luzia Fernández e o Projecto BogAvante, iniciárom o caminho para normalizarem as suas vidas num lugar que até entom apenas os conseguia

ver como elementos peculiares ou estranhos. Esse caminho está cheio de armadilhas e sabores. Logo depois dos primeiros passos andados para umha convivência normal, as autoridades locais e autonómicas travárom a tempo o que pensavam que era a ruptura de um modelo idílico de convivência. Na actualidade duas geraçoms de imigrantes cabo-verdianos residem em Burela. A adaptaçom, o trabalho, a convivência, som os reptos comuns para todos eles no dia-a-dia.

F. Marinho

Com pouco menos de meio milhão de habitantes, a República de Cabo Verde abrange um total de dezoito ilhas e ilhéus com a mesma origem vulcânica. Estas porçoms de terra suportárom a colonização portuguesa desde o ano 1460. Dous anos depois, em 1462, começava o povoamento das ilhas com o assentamento de escravos africanos trazidos polos colonos portugueses. Antes da referida data, as ilhas de Cabo Verde tinham estado desabitadas. Até a abolição da escravidom, este arquipélago situado em frente do Senegal, era umha das maiores fábricas escravistas de África.

Hoje 70% da população é mestiça, mas nom se temem registado incidentes racistas dentro do país. A mistura cultural nascida desta fusom entre o europeu e o africano fijo com que Cabo Verde acabasse por chamar à sua singularidade como "morabeza", algo que se resume em "Cabo Verde = Cabo Verde", como dixo o escritor português Manuel Ferreira, sítio distinto.

No ano 1975, o arquipélago consegue a independência ao lado da República de Guiné-Bissau. Ambos os países herdárom umha pobreza e um desemprego difíceis de digerir. Na actualidade há lugares dentro das ilhas em que o nível de desemprego chega a 25%. Junto com as secas, um sector agrário que ocupa 70% da população activa mas inçado de

resultados negativos e deficitários, e com um escasso desenvolvimento em outras novas alternativas laborais, a maior parte da população cabo-verdiana opta pola melhor saída, emigrar. Nom admira, sobretudo se reparamos que a idade média da população é de vinte e três anos, quer dizer, esse momento da vida em que o estranho seria nom ir à procura de novas saídas vitais onde quer que seja.

O número de emigrantes que abandonam Cabo Verde triplica a população que mora nas ilhas. As comunidades mais numerosas encontram-se nos Estados Unidos (a maior com 150 000 pessoas, concentradas na aglomeração de Boston). Outros lugares que apresentam umha forte presença cabo-verdiana som Portugal, França e os Países Baixos.

Chegada à Galiza

A história da emigração cabo-verdiana começa quando nos últimos anos da década de sessenta a ditadura portuguesa fomentou a diáspora destas gentes. Primeiro Portugal e logo depois toda a Europa fôrom os principais receptores de emigrantes vindos das ilhas.

A Galiza nom foi alheia ao movimento migratório destas pessoas. Assim, usando Portugal como porta de entrada, fôrom chegando ao Estado espanhol para ocuparem empregos nas minas (no Berzo e em Aragom) e na construção civil (em Madrid). Foi com empresas de montagem



Hoje em dia, a pesca é o único sector laboral em que trabalha a prática totalidade dos homens procedentes de Cabo Verde residentes em Burela. Os cabo-verdianos chegaram à Galiza para trabalhar em Alumina em Sam Cibrao. Nenhum deles foi contratado depois das obras.

► Cabo Verde

Populaçom. 430 000 hh.

Capital. Praia

Idiomas. português e crioulo

Habitantes fora do país. 1.500.000

Chegada a Burela. 1.977

Cabo-verdianos/as residentes em Burela. 210

industrial que entrárom na Galiza a partir de 1977. A construção da fábrica da Alumina em Sam Cibrao pedia mao-de-obra especializada na montagem industrial. Eles faziam parte dos plantéis que trabalhavam no levantamento do complexo industrial. Terminado este trabalho, muitos daqueles operários recebêrom ofertas para ficarem a trabalhar como empregados efectivos na fábrica. Mas nenhum cabo-verdiano recebeu umha oferta semelhante. Esta foi considerada por eles a primeira açom racista que sofrêrom no âmbito laboral. A conseqüência

foi que muitos daqueles operários se fôrom embora de Sam Cibrao à procura de oportunidades laborais fora da Galiza. No entanto, uns poucos ficárom na Marinha, em concreto em Burela, onde encontrárom trabalho nos barcos de pesca que na altura começavam já a perder a tripulação nacional, pois preferiam o trabalho melhor remunerado e mais seguro das instalaçoms industriais.

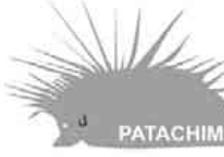
Hoje em dia, a pesca é o único sector laboral em que trabalha a prática totalidade dos homens procedentes de Cabo Verde residentes em Burela.

RENOVAÇÃO
EMIGRAÇÃO GALEGA
DA CULTURA
embgalega@hotmail.com
monchodefidalgo@terra.es

LOCAL SOCIAL
REVOLTA
Rua Real, 32
Apdo. 287 - 36200 VIGO

O Alfatate
CAFÉ

Campo da Lenha, 20
CORUNHA


PATACHIM
taberna boémia
beira-mar, 16 corunha

ARTABRIA
Travessa de Batalhons, 7
981369099 - 981369921
15403 FERROL
www.artabria.net

O idílio que na realidade nom é
Acompanho Luzia Fernández até a rua do Rio, "um lugar onde se están a concentrar quase todas as familias cabo-verdianas" diz ela. Antropóloga que lecciona aulas na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, foi a primeira pessoa que realizou um trabalho sobre esta comunidade.

"Quando cheguei e perguntei na Câmara municipal, toda a gente dizia que os 'morenos' estavam perfectamente integrados". Mas "moreno" é o adjectivo com que som conhecidos depreciativamente os cabo-verdianos. Quando isto lhe aconteceu à Luzia, ela vinha realizar um trabalho para o Projecto BogAvante, que levava a ONG Regal. Era umha iniciativa da União Europeia dentro do programa Integra. Em Burela era canalizado pola Rede Galega contra a Pobreza e a Exclusom.

"A partida ia dirigido aos homens, para conseguirem diplomas que lhes permitissem obter melhores empregos na pesca". Mas a realidade que a Luzia encontrou era muito diferente à apresentada polas autoridades. Para começar, os homens estavam todo o ano embarcados, e em terra só ficavam as mulheres. Todo o projecto devia ser reformulado. Deviam considerar também as mulheres e as crianças, para assim se iniciarem os primeiros passos da normalização de relações sociais.

A primeira açom realizada foi recensear toda a comunidade no concelho. Era o ano 1998, vinte anos depois de que o primeiro deles chegasse ao lugar. Até entom, todos viviam numha situação de irregularidade permanente que convertia os filhos e as filhas em apátridas sem direito a bolsas para estudar.

"Os políticos baseavam-se em que os cabo-verdianos faziam o mesmo que nós. Iam à missa, faziam a comunhão, iam á escola, etc." Isto para as autoridades era umha convivência idílica, umha integração perfeita. Essa integração "perfeita" incluía a entrada de crianças cabo-verdianas em aulas de educação especial, pois nom sabiam espanhol e nom estavam adaptadas ao sistema educativo. Outra consequência era que essas crianças viviam entre dous mundos culturais (o cabo-verdiano e o galego) carentes de pontos de

contacto.

O projecto BogAvante incluía iniciativas como passos para a socialização e primeiros contactos entre as duas comunidades. Mas em 2000 terminava este programa e com ele muitas possibilidades de se conseguirem mais sucessos.

Na actualidade continuam a desenvolver-se iniciativas, mas diferentes à linha marcada num primeiro momento. A de dar à comunidade cabo-verdiana a iniciativa de se organizar e decidir o quê fazer. "A Câmara municipal reuniu-se com pessoas por separado para lhes oferecer o meu posto. Isto contou-me gente cabo-verdiana, que se recusou e por fim a Câmara tivo que contratar-me". O trabalho que se desenvolve na actualidade é o da multiculturalidade, em que se oferece umha parte folclórica.

Duas geraçons, umha mesma cara

Nada distingue a casa de Ivonne de umha casa média galega. Ela nasceu na ilha de Santiago, a principal do arquipélago, onde está a capital, Praia. 'Badias' é o nome que se dá às pessoas que venhen dessa ilha.

Há quinze anos chegou grávida à costa marinhá. Fôrom tempos duros, muitas saudades da terra natal, três filhos com os seus avós em Cabo Verde e sobretudo, dificuldade para entender-se com as pessoas. Durante o parto nom conseguia perceber as enfermeiras. Por cima, Manuel, o marido, estava embarcado. Passou o tempo e Ivonne foi-se adaptando à vida de Burela, realizando trabalhos no próprio lar e algum outro que foi surgindo em conserveiras, como o que está a realizar agora.

Foi das primeiras mulheres que chegaram das ilhas nos anos oitenta, no primeiro re-agrupamento familiar que se produziu entre os cabo-verdianos residentes na Marinha. Para o seu assentamento contou com a ajuda de um matrimónio amigo do marido que já residia em Foz. Procurárom-lhe casa e desde entom mora com o marido e os filhos na vila.

Para ela, a convivência com os galegos é boa. "Bem, nom tive problemas". Participa na associação Tabanka, e forma parte do grupo Batuco Tabanka. "Foi um dia que estávamos todas juntas, gostamos de fazer cousas entre todas. Nasceu a ideia de fazermos



A Rede Galega contra a Pobreza e a Exclusom canalizou em Burela o projecto de integração BogAvante. Luzia Fernández foi parte activa do trabalho directo com a comunidade cabo-verdiana.



Quando o primeiro casamento entre cabo-verdianos em Burela, as Batuco Tabanka nom puderom assistir, por actuarem nas festas locais. Soubérom-no polos cartazes, nem foram avisadas.

Os barcos de pesca da zona temem possibilidade de fazê-lo em águas tam longínquas como... Cabo Verde. Os próprios cabo-verdianos reconhecem que é umha contradiçom estarem a viver na Europa e a pescar no seu próprio país

um batuco de Cabo Verde. Tudo feito por nós".

Quando se celebrou o primeiro casamento entre cabo-verdianos em Burela, após vinte anos no lugar, nom puderom assistir, pois tivérom que actuar nas festas locais. Soubérom-no polos cartazes, nem foram avisadas.

Em Dezembro de 2003 Maria decidiu passar a fronteira e ir para Burela. Jorge, o seu marido, estava a trabalhar no mar. Queriam morar juntos. Ela já levava um ano como ilegal em Portugal, os papéis e as autorizaçoms de residência nom acabavam de chegar. Entrara na Europa como turista, e ao nom conseguir encontrar trabalho, sem papéis, vivia a vender peixe em Lisboa como faziam as peixeiras de antes. A policia controlava esta actividade com muito receio, já que se considera ilegal, ao nom sofrer controlo sanitário.

Em Burela encontrou trabalho num restaurante como cozinheira. Pouco mais de 400 euros por dez

horas de trabalho. O mesmo dia que falo com ela diz-me: "Vou-me despedir, vou deixá-lo". Quando se lhe pergunta porquê, ela move os braços e fala alto. Nom percebo o crioulo, Luzia traduz: "mau trato no trabalho e racismo". Com esforço percebe-se-lhe que os patrões berram e desconfiam dela: é preta, é de fora e nom fala como nós.

Com só trinta anos tem quatro filhos. Os dous mais velhos tem dezassete e dezasseis anos e para a Maria o prazer mais grande é que pudessem estudar na Galiza, algo muito difícil se nom tivessem encontrado trabalho. A comunidade cabo-verdiana tem-lhe ajudado algo, mas entre as recém chegadas e as novas geraçons há umha diferença muito marcada.

As dificuldades som mais duras para as mulheres. Luzia explica o porquê: "a lei é machista, pois elas só som contempladas no reagrupamento familiar. Os homens recebem autorizaçom de trabalho, elas som consideradas donas de casa, dependentes do marido, nom som força laboral".

O mundo laboral e a integraçom

Os barcos de pesca da zona temem possibilidade de fazê-lo em águas tam longínquas como... Cabo Verde. Os próprios cabo-verdianos reconhecem que é umha contradiçom estarem a viver na Europa e a pescar no seu próprio país. As artes de pesca que ocupam mao-de-obra cabo-verdiana som o congelado (até três meses no mar) e o bonito, durante os meses do Verão. Dentro destas actividades a instabilidade laboral é o pam de cada dia, pois os salários oscilam segundo o número e a quantia das capturas. Isto nom acontece na arte do arrasto, a única com contrato colectivo de trabalho e com descanso de dous dias por semana. Nom há nenhum cabo-verdiano.

A integraçom plena está longe de se produzir, como explica Luzia: "isso acontece quando todos os membros da comunidade participam na vida social, económica e política de maneira plena". Para ela os problemas actuais desta comunidade som a falta de relacionamento entre a população galega e a cabo-verdiana e, por último, a formação de educadores e educadoras que atendam as necessidades destas pessoas quando chegam à Galiza.

Centro Social
Henriqueta Outeiro
COMPOSTELA
Quiroga Palacios, 42 (rés do chao)
☎ 981 563 286

A ESMORGA
REVISTA MENSAL DA JUVENIA GALEGA

Rúa Nova
CAFETERIA RESTAURANTE
Rúa Nova, 38 - Santiago de Compostela
Télex: 981 564 918
Télex/Fax: 981 571 373

Santa Ede
Bar de Copas
Salvaterra do Minho

O Noso Lido
Salvaterra

Camóns, everybody!

CALIGVLA

Através da Internet circulou a notícia de que a Real Academia Galega, na sua reunião do dia 22 de Maio, decidiu reivindicar o 10 de Junho, Dia de Luís de Camões, e celebrá-lo com um acto institucional e com a divulgação de um famoso soneto do autor lusitano nos principais jornais do País. No seu comunicado, a RAG salienta a importância da nova ortografia de concórdia da língua galega para o conhecimento e o desfrute estético da literatura irmã, a caminho da recuperação idiomática no nosso país. O poema, que se oferece tanto em versão portuguesa, incompreensível para galegos e galegas, como em castrapo-concordante, seria recitado em uníssonos polos membros da RAG nos jardins de Mendes Nunes. Ei-lo:

CASTRAPO

Alma miña xentil, que partiches
tan axiña desta vida descontenta,
acouga aló no Ceo eternamente,
e viva eu acá na terra sempre triste.

Se aló no asento etéreo, onde subiches,
memoria desta vida se consente,
non te esquezas daquel amor ardenta
que xa nos ollos meus tan puro viches.

E se miras que pode merecerche
algunha cousa a dor que che me quedou
da mágoa, sen remedio, de perderche,

prégalle a Deus, que os teus anos acurtou,
que tan axiña de acá me leve a verche
como axiña dos meus ollos te levou."

Luís de Camóns, 1560.

PORTUGUÊS

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Céu eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no asento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te;

Roga a Deus que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

Luiz de Camões (ca. 1560)

Nesta linha desintegracionista, cumpre esperar que do mesmo jeito que Camões se tornou em Camóns, a RAG converta William Shakespeare em Güilian Xespir.

De qualquer modo, o mais salientável é comprovar as dificuldades dos nossos académicos no uso desse idioma do qual são máxima autoridade, como nos mostram esses "verche" e "perderche" em vez de "verte" e "perderte" que mereceriam uma reprovação em qualquer exame de galego, independentemente da grafia.

Se este é o nível, porque razom Super Pinheiro não ha de ser académico?

Festivais reivindicativos no fim do Verao

O Festival Irmandinho de Moeche e o Festival da Poesia no Condado som as principais propostas lúdicas para o tramo final do Verao. O primeiro terá lugar os dias 20 e 21 de Agosto, enquanto o segundo tem como dia grande o 4 de Setembro. Com 25 anos às costas, o Festival Irmandinho celebra o assinalado aniversário com uma exposição retrospectiva, uma obra de teatro, concertos e o tradicional assalto ao castelo, nesta ocasião protagonizado por crianças. No sábado dia 21 ocuparam o palco Oskorri, Tejedor, Susana Seivane e Buxo.

A Festa da Poesia chega aos 18 anos centrando a reivindicação principal na defesa das liberdades. Entre os dias 2 e 4 de Setembro oferece audiovisuais, mostras artísticas, conferências e festa infantil. O dia 4 recitarão Xosé Mª Álvarez Cáccamo, Maria Lado, Marica Campo, Carlos Quiroga, Paula San Vicente, Artur Alonso Novelle, José Luís Peixoto, Ondjaki e Sonia González, entre outros. E no aspecto musical, Salvaterra do Minho verá actuar Mercedes Peón, a Matraca Perversa, Xistra e Terrakota. Mais informação: www.scdcondado.org

banda desenhada

Encontros nos quadrinhos

Germám Hermida

Para além de um maior ou menor sucesso de autorias e de projectos, a Galiza conta desde os anos noventa com uma série de encontros que continuam a espalhar a BD na Galiza, mantendo-se como referências para o pessoal amador e autores e autoras do País.

As Jornadas de BD por excelência na Galiza som as que se celebram em Ourense cada mês de Outubro há já XVI edições. Nascidas ao abrigo da Casa da Juventude, entre as características fundamentais destas jornadas destaca uma constante atenção ao mundo amador galego e às tentativas por criar uma BD nacional, conseguindo converter-se no principal ponto de encontro dos autores e autoras do País. Deste modo, a organização outorga cada ano o prémio Ourense ao melhor contributo à difusão da BD. Outro grande eixo do evento está a ser o relacionamento com Portugal (durante anos, o certame de BD permitia a participação de autores e autoras portuguesas). Desde 1992, a prática totalidade dos projectos de BD aparecidos na Galiza temham passado por Ourense, e a maioria de autores e autoras participaram em alguma das múltiplas exposições colectivas que acolheu este encontro ou publicaram em "O fanzine das jornadas".

Apesar da veterania e da importância de Ourense no desenvolvimento de uma BD galega, na actualidade a estrela dos nossos eventos é 'Viñetas desde o Atlântico'. Este festival, considerado o segundo a nível estatal só por detrás do "Saló del Cómic" de Barcelona, nasceu e mantém-se desde 1998 graças ao apoio do alcalde da Corunha, Francisco Vázquez, grande coleccionista de BD. Sob a direcção de Miguelanxo Prado e Carlos

Portela, cada ano, autores, leitores e editores de todo o Estado e mesmo do exterior vam até a Corunha em meados do mês de Agosto com a perspectiva de quinze dias de sol e o reencontro com os amigos do grémio. Ainda, o facto de lhes serem proporcionadas bancas de venda gratuitas favorece ainda mais a participação. Para o pessoal amador, a presença de autores e das correspondentes exposições de primeiro nível internacional é o principal p a l



O Quiosque da Utopia. José Carlos Fernández

atractivo do encontro. Já tenham passado pola Corunha autores coma Teddy Kristiansen, Mark Hempel ou José Carlos Fernández entre muitos outros e outras. Nas últimas edições os problemas de espaço e as habituais quedas de última hora de autores convidados estão a escurecer ligeiramente o brilho deste encontro.

Com uma vocação muito mais local, mas convertendo-se aos poucos numha cita importante para o mundo amador, estão as Jornadas de Cangas que celebraram em finais do mês de Julho a sua oitava edição. Com o atractivo para o pessoal amador da presença de algum autor de nomeada internacional (amidade

convidados levando em conta a presença dos mesmos, poucos dias mais tarde, na Corunha), a vila marinheira consegue congrega cada ano muitos amadores e amadoras. Ainda, o facto de ali se darem a conhecer novos valores está a tornar esta iniciativa em imprescindível para quem quiser conhecer as novas promessas na autoria galega. Do mesmo modo, o certame das jornadas consegue uma ampla participação de gente nova, que é maioria na totalidade dos actos das jornadas, o que fai com que este evento seja um dos mais destacados para à iniciación na BD de entre quantos existem no País.

Em menor grau, Arteijo conta desde o ano 2001 com as suas próprias jornadas de BD, que se organizam no início de cada ano com a coordenação do desenhador Javi Prieto. Ainda que a principal actividade das jornadas é a mostra de trabalhos que se apresentam ao concurso homónimo e embora nom conte com autores destacados, Arteijo também se está a converter num ponto de encontro para os autores e autoras menos profissionais.

Para além da importância que temham estes eventos como ponto de encontro para as pessoas autoras, a organização de certames associados às jornadas, como o caso de Cangas, Arteijo e Ourense, permitem a muitos autores e autoras tirarem um mínimo beneficio económico da sua obra. Da mesma maneira, a existência de mostras regulares sobre criadores emergentes do nosso país (nas anteriormente citadas e ainda em 'Viñetas desde o Atlântico') supunhem para muitas pessoas alheias à net e aos circuitos habituais de distribuição, a única ocasião de conhecerem a obra dos nossos autores e autoras.

ALTO minho
associação cultural
Rua Catezal, nº18 - Apdo 289 Lugo
alminho@25.org www.25.org/alminho

galizalivre.org
O portal da galiza em Internet

CAMBOJA
CAMPO CASTELA 30
LUGO

Rua Nôreas, 5
Lugo

A Peneira
Kornal Galego
de Información Xeral
www.apeneira.com

A GALIZA NATURAL

Os ursos que tivemos... e os que ainda temos

João Avelado

Em Maio de 1998, uns excursionistas fotografavam um urso pardo (*Ursus arctos*) nas montanhas de Vale de Orras. A imagem do plantigrado foi notícia nos jornais, que especularam com a sua procedência cantábrica. Mas era este urso um outro turista?

A que, talvez, seja a primeira menção escrita sobre ursos na Nossa Terra data do século XII. Num documento outorgado ao Mosteiro de Ribas de Sil, o rei Afonso VII da Galiza e IX de Leão fazia referência a montarias de ursos.

Já em 1340, Afonso IX da Galiza e XI de Castela descreve no seu "Libro de la Montería" os principais montes ursinos. Na altura, podemos concluir que o urso era abundante em todas as florestas e serras do interior do País.

Nos seguintes séculos, a distribuição do urso ver-se-ia reduzida progressivamente devido a uma maior pressão demográfica humana, que trouxe, como consequência, um aumento da sua caça e uma perda do seu hábitat, por expansão dos terrenos agrícolas e diminuição dos bosques. Porém, em meados do século XIX ainda existiriam na Galiza, quando menos, as seguintes populações de ursos: A da Terra Chã; a da Ulhoa, onde em 1848, o naturalista Seoane topou com um exemplar na devesa de Santo André de Ilhobre, não longe de Compostela;



Ursos procedentes do Alto Narcea e do Alto Sil percorrem com desigual regularidade as montanhas de Íbias, Negueira, Fonsagrada, Návía e Ancares. Estas visitas parecem ter-se incrementado nos últimos anos

a da Terra de Montes, nas proximidades do Mosteiro de Usseira; a da Serra do Soajo-Serra do Jurés; a da Terra de Trives (Serras de Queixa e S. Mamede) e, finalmente, o conjunto das serras orientais, em contacto com os exemplares da Cordilheira Cantábrica, povoando a espécie a Serra do Ranhadoiro, a maior parte do Berzo, os Ancares, a Fonsagrada, os Montes do Cerejal (Bezerreã),

a Serra do Oríbio (Oíncio), os Montes do Cevreiro, o Courel; Vale de Orras, a Serra do Eixo, a Cabreira e Entre-as Portelas.

Conforme avançou o século XX, a rarefação do plantigrado foi cada vez maior, ficando apenas uns poucos exemplares nas montanhas do oriente galego. No entanto, no dia 16 de Junho de 1946, em Ponte Varjas (Concelho de Padrenda), não longe da alfândega com Portugal, o lavrador Camilo Lhoves pelejava braço a braço com um urso, que finalmente seria rematado a tiros por um guarda. O valente camponês receberia por tal heroicidade um prémio do Governador Civil. Foi este, quiçá, o último urso das Serras do Soajo e do Jurés.

E na actualidade, ainda temos ursos? É sabido, que exemplares procedentes do Alto Narcea e do Alto Sil percorrem com desigual regularidade as montanhas de Íbias, Negueira, Fonsagrada, Návía e Ancares. Estas visitas parecem ter-se incrementado nos últimos anos, consequência do ligeiro aumento do núcleo cantábrico ocidental, composto por pouco mais de 80 indivíduos. Os mais optimistas mesmo chegam a falar de uma futura colónia estável em terras galegas...

Mas voltemos ao início, que fazia um urso em Vale de Orras em 98? Turismo? Um recente livro "El oso pardo en el Noroeste peninsular", escrito por Grande del Brio, Hernando Ayala e Pinheiro

Maceiras, dá-nos resposta. Ó surpresa! Os autores descobrem-nos que ainda sobrevivem ursos em comarcas galegas onde se davam por extintos desde primeira metade do século XX. Segundo as pesquisas destes prestigiosos zoológicos, ainda existem umas fracas populações de plantigrados nas serras galaico-leonesas, que abrangem a confluência das províncias de Lugo, Ourense, Leão e Samora. São núcleos isolados dos seus congéneres cantábricos e ainda, talvez, isolados entre si. Nas vizinhanças do Maciço de Pena Trevinca morariam uns 3 exemplares e outros 2 entre a Alta Seabra e La Carvayeda, estes 5 exemplares alargariam a sua presença do Courel até à mesma raia com Portugal. Uma outra população de uns 3 indivíduos espalhar-se-ia por La Maragateria e comarcas limítrofes, destaca-se aqui a detecção no ano 95 em Santa Colomba de uma ursa com o seu organho (denominação que recebe em galego a cria dos ursos).

Para explicar o desconhecimento a respeito destas populações ursinas cumpre assinalar três razões principais, um território altamente despovoado (5-10 habitantes/ km2), uma orografia complexa e a ignorância interesseira de uma administração que prefere virar as costas a umas evidências (múltiplos avistamentos, ataques a gado e a colmeias, rastros...) que a obrigariam a proteger uma área que é objectivo, nos últimos lustros, de empresas minei-

ras e parques eólicos.

Outro aspecto a ressaltar é o da pegada do urso na nossa cultura tradicional. Na toponímia, com nomes de lugares como Usseira, Organho, Mato d'Osso... Na arquitectura popular, com os chamados cortíns ou alvarças, que são construções de altos muros de pedra destinadas a proteger as colmeias dos ataques dos ursos e que ainda hoje se podem ver em abundância nas montanhas do Este. No folclore, a personagem central do "entruído" de Salzedo, no Brolhão, é um urso. Nas lendas, com estórias que falam de ursos que têm filhos com mulheres...

Seoane, que ainda recolhe a palavra "urso" em várias localidades galegas, descreveu-nos o jeito único e espectacular de caça que tinham os urseiros do Courel, um ofício que se herdava de pais a filhos. Estes enfrentavam-se aos ursos num épico corpo a corpo, sem mais armas que uma faca, e um cilindro de ferro, afiado nos cabos, que o urseiro colocava entre a mandíbula e o peito do animal, só os mais ricos podiam proteger o braço esquerdo com uma pequena armadura.

Desde que no Quaternário, os nossos primitivos antepassados lidavam com os gigantescos ursos-das-cavernas (*Ursus spelaeus*), de quase tonelada e meia de peso, levamos 12 000 anos de convívio, nem sempre fácil, entre seres humanos e ursos neste recanto do Planeta Terra... Que continue!

www.novasgz.com | novasgz@novasgz.com | Telefone: 639 146 523



Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a NOVAS DA GALIZA, Apartado 1069 (C.P. 27080) de Lugo

1 Ano = 12 números = 20 euros Assinante Colaborador = ___ euros

Nome e Apellidos Telefone

Endereço C.P.

Localidade E-mail

Nº Conta

Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

Assinatura

portal galego da língua

IES Rosália de Castro honra memória de Carvalho Caiiro

PGL. Mestre do Galego-Português, incorporou-se ao quadro docente deste centro após ser amnistiado polo franquismo. É por isso que o IES Rosália de Castro de Compostela está a honrar a memória de Ricardo Carvalho Caiiro, como um dos principais artistas que exerceu neste centro de ensino secundário nos seus 65 anos de história, que agora se comemoram. Na exposição figuram contributos literários e artísticos de autores e autoras que pertencêram ao claustro ou às diferentes promoções do alunado, foi escolhido para a exposição o poema "9" de Carvalho Caiiro, do volume 'Reticências...'

Indymedia Brasil e Portugal difundem insucesso de Gilberto Gil na Galiza

LuisM. A rede Indymedia no âmbito lusófono redigiu vários editoriais sobre a lamentável visita do Gilberto Gil a Compostela e o acontecido no concerto do dia 19 de Julho. O editorial do CMI-Portugal diz: "o cantor e ministro do Governo social-democrata brasileiro optou claramente pelo castelhano ao dirigir-se ao público galego, pelo que recebeu pedidos por parte do mesmo para que falasse em português. Gilberto Gil, preparado para tal eventualidade, aproveitou para recriminar o "nacionalismo" das galegas e galegos afirmando que "aqui todos nos entendemos, falar português está bem, mas se é por nacionalismo não está tão bem".

Carta a Carlinhos Brown

PGL. O responsável de Normalização Lingüística de Oleiros, Antón Tenreiro, enviou unha carta a Carlinhos Brown polo concerto do artista brasileiro. Na carta, explica-lhe a situación da língua galega. Tenreiro pede a Carlinhos Brown que na visita fale português, o que viria a facilitar o entendimento entre o artista e o público. Aliás, comenta-lhe a importância da escolha para comunicar-se com os galegos e as galegas. O presidente da AGAL contactou pessoalmente com Tenreiro para transmitir à Câmara municipal os parabéns pola sua actuação decidida na defesa do idioma.

CPLP com as portas abertas para a adesão da Galiza

A Cimeira da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), que decorreu em São Tomé e Príncipe a 26 e 27 de Julho, disposta a modificar os estatutos.

PGL

O projecto de revisão dos estatutos da CPLP, que prevê criar o estatuto de observador, foi um dos grandes acordos da Conferência de Chefes de Estado e de Governo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), que decorreu nos dias 26 e 27 de Julho, em São Tomé e Príncipe. A presença do chefe de Estado da Guiné Equatorial, país hispanófono, foi uma das "bombas" que levantou o debate sobre o Estatuto de Observador na CPLP.

A possível revisão poderá abrir as portas para num futuro a Galiza ou países com grandes comunidades lusófonas virem a fazer parte da CPLP como "membros observadores". De facto, organismos como as associações dos Empresários Lusófonos ou dos Comitês Olímpicos de Expressão Portuguesa, ultrapassam já as fronteiras da CPLP com a adesão de Macau e da própria Guiné Equatorial.

Uma outra medida aprovada, e de vital importância, foi a homologação do princípio de

aprovação de uma medida no quadro da CPLP, onde basta a aceitação de três estados membros para que uma proposta seja aceite, ponto vital para o alargamento futuro.

Durante a cimeira foi assinado um "Segundo protocolo modificativo ao acordo ortográfico da língua portuguesa", que permitirá a entrada em vigor deste instrumento internacional, assinado em Lisboa, em 16 de Dezembro de 1990. Também foi aprovada uma resolução para a promoção e difusão da língua portuguesa.

Sucesso do movimento subversivo-esmorgueiro galego



A Ceia d's Patriotas atascou o restaurante "Triacastela" de Santiago

FREAC, Va-Ca, Aduaneiros sem Fronteiras e o novo grupo da CA-CA a caminho da descolonização da Galiza e em prol da Lusofonia

PGL. O movimento subversivo-esmorgueiro galego viveu no fim-de-semana do dia da Pátria umas datas históricas. Os já conhecidos Va-Ca e Aduaneiros sem Fronteiras impulsionaram a Frente REtranqueira Anti-Colonial (FREAC), e fizeram-no com a Ceia d's Patriotas, que na noite de 24 de Julho, atascou o restaurante "Triacastela" de Santiago, numa ceia na qual frases, entre outras, como "Aqui está, aqui se vê, o freakismo galego em pé", ou "Nom estaria mal ter uma autonomia como a de Portugal", fazem parte já do imaginário colectivo galego. Sob a mensagem central de "Somos Galeg*s e Nom Nos Entendemos", a FREAC desenvolveu, para além da Ceia d's Patriotas da noite de dia 24 de Julho, uma ofensiva frugal a Castela (um prato de croquetes) em Bonaval, na manhã do dia 25, com o qual o ilustre galeguista foi convertido no "Santo das Croques". Ainda, por volta das 17h00 do dia 25, as ruas compostelanas acolheram a Mani-Festa-Acção subversivo-esmorgueira que, partindo da Praça da Alameda percorreu lugares tão salientáveis como a Praça das Pratarías ou a canelha de Entre-Ruas, para acabar perante o monumento a Rosália. Os actos organizados pola Freac contaram também com apoio e presença internacional chegada da Catalunha, a Lliga Anticolonial e o Moviment Ridiculista de Alliberament Nacional (Provisional).

A rádio da Galiza para todo o mundo: nasce radioGaliza.net

Rádio PGL integra-se no projecto, que nasce fruto do trabalho de diversos grupos e pessoas



O projecto radioGaliza.net nasce com o propósito de abrir um novo espaço cultural, invertendo a tendência que os nossos poderes públicos imprimem a todo o mundo da cultura: liturgias folclóricas, cantores e cantoras "enxebres", festas gastronómicas e estereótipos do estilo

PGL

Desde já, radioGaliza.net é uma realidade. O projecto conta com a colaboração do PGL que a integra no mesmo Rádio PGL e que até hoje emitia os programas Falares sem Cancelas e 262. Desde o dia 25 de Julho a rádio feita polo reintegracionismo é radioGaliza.net, e já se podem ouvir as suas emissões, ainda em provas.

O projecto radioGaliza.net nasce com o propósito de abrir um novo espaço cultural, invertendo a tendência que os nossos poderes públicos imprimem a todo o mundo da cultura constituída por liturgias folclóricas, cantores e cantoras "enxebres", festas gastronómicas e estereótipos do estilo; reduzindo-o a uma atmosfera asfíxiante para a vida social e cultural galega, tão diversa e plural.

Agora já emitimos da Galiza para o planeta Terra, integrados no nosso espaço linguístico: a Lusofonia, e através de um suporte maciço e acessível como é a Internet. Para isto, radioGaliza.net articula-se como uma plataforma de expressão livre e fornecedora dos meios técnicos necessários para que quem quiser colaborar possa fazê-lo de modo fácil e mesmo prazenteiro.

música

Festivais de verao em Portugal

Novamente oferecemos aos nossos leitores e leitoras boas razons para visitarem Portugal nestas datas, onde podemos encontrar interessantes e variadas ofertas musicais, desta vez dirigidas talvez aos ouvidos que estão à espera de umha maior contundência. Na Galiza do "Jacobeu", em que se tinha anunciado à grande e à francesa toda umha série de

"concertos da primeira classe, nom como em Benicassim, onde som da segunda ou terceira" (Pérez Varela dixit), descobrimos finalmente como toda essa agenda cultural ficou reduzida a três dias de abarrotamento com os grandes dinossauros da música internacional e o resto do Verao e do ano à mediocridade a que já nos habituaram: os

enjoativos da "operação triunfo", música religiosa e outros actos mediático-oficiais com as primeiras fileiras abarrotadas de mulheres e homens vestidos a rigor de fatinho e gravata. É o que se passa quando se concebe a música, ou qualquer outra manifestação cultural, como umha mera desculpa para atrair turistas e nom como um fim em si mesma.

FESTIVAL ILHA DO ERMAL

25 a 27 de Agosto
Vieira do Minho

O festival organizado pola promotora "Música no coração" conjuntamente com a câmara municipal desta vila é umha cita ineludível para aqueles e aquelas que desfrutam com a força em cima de um palco. Boa mostra disso é já a primeira sessom, no dia 25, quando actuará a banda portuguesa Moonspell, os abrumadores Ratos de Porão (referência do hardcore brasileiro) e Soziedad Alkohólika do País Basco, entre outras. No dia 26 terá a possibilidade, quem nunca os tivesse visto, de desfrutar dos Xutos e Pontapés, umha banda que se bem que nom nos impressione pola sua qualidade musical, acaba por ser umha autêntica experiência presenciá-los ao vivo, sobretudo quando jogam em casa como é o caso: liderados polo carismático Tim e com 25 anos às costas, fam vibrar o seu público como poucas vezes se tem visto em latitude nenhuma. Completam a jor-



A banda portuguesa Moonspell, os abrumadores Ratos de Porão (referência do hardcore brasileiro) e Soziedad Alkohólika do País Basco estarã presentes na Ilha do Ermal

Presenciar ao vivo Xutos e Pontapés acaba por ser umha autêntica experiência, sobretudo quando

jogam em casa: com 25 anos às costas, fam vibrar o seu público como poucas vezes se tem visto

nada Danko Jones, The Gathering e More than a thousand. Para o último dia, o prato forte será Guano Apes, jovem banda nascida na Alemanha que destaca pola sua voz e contundência com bases tiradas do heavy mas experimentando com as novas tendências, a electrónica ou o techno. Especialmente recomendável é desfrutar ao vivo da voz e encenação de Sandra Nasic. Também no dia 27 subirã ao palco Spank the money, The Dillinger Escape Plan (metal da Costa Leste). Bilhete: 1 dia 30 euros, 3 dias 45 euros (campismo incluído).

ANGRA ROCK 2004

3 a 5 de Setembro
Açores

O festival referencial para a juventude açoriana oferece, para além de boa música e muita festa, o maravilhoso entorno natural das ilhas Açores, e ainda leve-se em conta que se trata de um evento gratuito, quer dizer, nom podia ser programado um

fim-de-semana mais aliciente nestas jóias do Atlântico. Tenhem a possibilidade de subir para o palco as bandas que fõrom premiadas na edição do concurso do mesmo nome celebrada este ano. O primeiro dia tocarã os Lithium (rock com samplers), The Temple (quinteto português que descarrega verdadeira energia nas suas actuaçons) e Flowing Tears (heavy metal). Para o dia 4 de Setembro anuncia a participação Rádio Macau, com mais de 20 anos de existência e tendose tornado num nome fundamental no rock português dos oitenta, tendo sabido ao mesmo tempo, porém, reciclar-se com a passagem do tempo. Acompanharã-nos Penumbra (segundos classificados no concurso) e Star Industry (rock gótico). Para o último dia conta-se com a presença de Volcanic (banda ganhadora do concurso que mistura metal com electrónica) e os germano-irlandeses Reamonn. Bilhete gratuito.

■ Davide Loimil e Inácio Gomes



DISTRIBUIDORA TEXTIL

Apartado 461
32070 - Gurense
Nº 619 419 338

Preenche este cupom, recorta-o e envia-o ao endereço aqui indicado. Fai o teu pagamento mediante ingresso bancário na conta número 20800261280000206544 de Caixa Nova (acrescentando 3 € de gasto de envio) ou bem contra-reembolso (somando 6 € de gasto de envio). No seu caso, anexa cópia do justificante do ingresso.

Num. Referência:

Cor: Talha:

Nome:

Apelidos:

Endereço:

LOGO COMITÉ REVOLUZIONARE D ARREDISTA DA HAVANA

CAMISETA AZUL OU PRETA

7 EURDS



GALIZA CEIVE
CAMISETA AZUL OU PRETA
7 EURDS



A FOUCE PERIODICO GALEGO
CAMISETA AZUL OU PRETA
7 EURDS

a entrevista | **Inácio Orero, membro co-fundador da Artábria e do Conselho Geral**

"Dérom-se passos para a unidade do reintegracionismo, mas as dificuldades continuam a ser muitas"

NGZ

Inácio Orero é co-fundador da entidade, membro do Conselho Geral e participa na Comissom Económica e no Grupo Coordenador do Festival.

Porque decidistes mudar a vossa situaçom, o vosso local social?

Mudamos de local por dous motivos fundamentais: em primeiro lugar, por termos problemas com a licença de abertura que ainda nom tinha sido resolvida, depois de mais de cinco anos, com denúncias vicinaias por causa das actividades que desenvolvíamos no nosso local, actividades para as quais o local nom estava preparado, e as ordenanças municipais nom as contemplam como próprias de um centro como o nosso. O outro motivo é meramente económico, já que no outro local pagávamos quase duas vezes e meia mais do que neste outro.

Há quando tempo está aberto?

No início de Março fechamos o antigo local, demoramos mais de um mês a abrir o novo local, pois tivemos que fazer umhas pequenas obras de remodelaçom e decoraçom. Contamos com companheiras e companheiros que se esforçárom muito para o local estar pronto nesse espaço de tempo. Entre as pessoas associadas há especialistas em ofícios de carpintaria, canalizaçom, electricidade, pintura, e também gente muito imaginativa que lhe deu esses últimos detalhes originais de que sempre precisa umha iniciativa assim. Em definitivo, estamos orgulhosos e orgulhosas do trabalho realizado. Mas nom pudemos abrir até o fim de Abril deste ano.

Como avaliais o Festival da Terra e da Língua hoje?

O Festival é umha proposta festiva e reivindicativa, que pre-



tende divertir e conscientizar, pensamos que por enquanto cumprimos os nossos objectivos. Sempre avaliamos muito positivamente o que fazemos nele e a participaçom no mesmo, pomos na balança o bom e o mau e sempre pesam mais os resultados positivos. Na hora de assumir responsabilidades as pessoas costumam ser poucas, mas nom é assim quando há que trabalhar pois sempre dispomos de um grupo numeroso de pessoas dispostas a colaborar. Este ano, quanto à questom económica, houvo mais dificuldades, pois as receitas fôrom menores e o festival mais caro, e tivemos portanto um pequeno déficit. Perdemos muito dinheiro, apesar de que todo o trabalho que desenvolvemos as 49 pessoas que trabalhamos no festival é voluntário, nom recebemos um cêntimo por nada, pomos o nosso esforço e o nosso dinheiro para nos deslocarmos e fazermos os trabalhos, mesmo pagamos o que comemos ou

bebemos do nosso bolso, e mesmo assim nom chegou para saldarmos as dívidas.

Qual o número de sócios e sócias na actualidade?

Somos 385 pessoas associadas, mas o número de pessoas que paga as quotas com regularidade apenas som metade delas. A quantia das quotas em Artábria compreende um enorme leque, das mínimas de 2 € até as pessoas que pagam quase 600 € anuais. Temos bastantes pessoas que pagam 30 € mensais, se nom fosse assim, o projecto seria inviável.

Realmente houvo passos para a unidade do movimento reintegracionista?

É evidente que houvo alguns passos para se tornar possível a unidade do reintegracionismo, mas como sempre as dificuldades som muitas. Nom creio que estas tenham a ver com problemas pessoais ou diferenças insalváveis. Os problemas para se implementar essa necessária

unidade partem da falta de creaçom de objectivos e fins. Os para quê e os como. Temos que decidir como gastamos as nossas energias, pois som as que som, e nom podemos dedicar 60% delas a criticar o isolacionismo, 30% a debates intermináveis entre agalismo e padronismo, e só 10% à defesa real da língua. Mesmo na Artábria, que é umha entidade, fundamentalmente, polo menos no plano teórico, de defesa da língua, nom temos actividades específicas neste campo. Somos cientes de que ter um local social onde se vive em galego, a venda de material (livros, camisolas, música...), as actividades culturais que realizamos... vam no caminho da normalizaçom lingüística, mas também somos cientes de que a situaçom do idioma precisaria de mais planificaçom e mesmo de avaliaçom dos objectivos que perseguimos. Mas a verdade é que afinal consumimos a maior parte da nossa energia em actividades para a Artábria sobreviver.

Ventos de mudança

Kiko Neves

Tenho um vizinho que vota no PP porque se está a cagar para a política -assim o diz: "merda de políticos, onde estiver o Dom Manuel"-. Um vizinho e um milhom, certo. Mas ao caso. O tal meu vizinho desenvolve teorias, ao jeito dos colonistas de 'La Voz'. Um falar: as marés negras incrementam o Produto Interno 'Bruto'. O que lhe dá pé para os seus monólogos nas aborrecidas viagens de elevador. Assim: "Nunca Mais representa a Galiza Peter Pan, a que nom quer crescer; se os rios vam contaminados é que há indústria, mas vós os nacionalistas -diz- ainda reivindicais os carros de bois e o estrume; a ecologia é caminhar ao contrário; gostais da política da ventoinha, espalhais um lixo e fazeis um monte de merda." Logo, ri com os dentes apertados e remata: "estais nas berças, mochacho". E isto último repete-o muito devagarinho. "Mochacho". Dá-me que pensar o homem. Nom, nom se trata de enguedelhar-me com as teimas de sempre, a incultura, o isolamento, a falta de consciência, a mentalidade colonial.

Simplesmente dou a volta aos argumentos do meu caro vizinho. Galiza vai a toda a velocidade para o progresso, certo. Os parques eólicos -e a isto sim podeis chamar teoria- som a política da ventoinha do poder: avivam os lumes florestais à procura de verdadeiros montes de merda, e espalham brêtemas de lixo para nos aparvar.

Desde agora é tempo de dar a volta ao seu invento. O alicerce do arredismo está montado: só é preciso acelerarmos o motor dos moinhos. Ajamos!. Fagamos soprar ventos de mudança. Arrancaremos o País da Península.